

2º Período

Introdução aos Estudos da Tradução:

Teorias, história, reflexão e prática

*Meta Elisabeth Zipser
Silvana Ayub Polchlopek*

Florianópolis, 2011.

Governo Federal

Presidente da República: Dilma Vana Rousseff
Ministro de Educação: Fernando Haddad
Secretaria de Educação a Distância (SEED/MEC)
Universidade Aberta do Brasil (UAB)

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor: Alvaro Toubes Prata
Vice-reitor: Carlos Alberto Justo da Silva
Secretário de Educação a Distância: Cícero Barboza
Pró-reitora de Ensino de Graduação: Yara Maria Rauh Müller
Pró-reitora de Pesquisa e Extensão: Débora Peres Menezes
Pró-reitora de Pós-Graduação: Maria Lúcia de Barros Camargo
Pró-reitor de Desenvolvimento Humano e Social: Luiz Henrique
Vieira Silva
Pró-reitor de Infraestrutura: João Batista Furtuoso
Pró-reitor de Assuntos Estudantis: Cláudio José Amante
Diretor do Centro de Comunicação e Expressão: Felício Wessling Margotti
Diretor do Centro de Ciências da Educação: Wilson Schmidt

Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol na Modalidade a Distância

Diretor Unidade de Ensino: Felício Wessling Margotti
Chefe do Departamento: Silvana de Gaspari
Coordenadoras de Curso: Maria José Damiani Costa
Vera Regina de Aquino Vieira
Coordenadora de Tutoria: Raquel Carolina Souza Ferraz D'Ely
Coordenação Pedagógica: LANTEC/CED
Coordenação de Ambiente Virtual: Hiperlab/CCE

Projeto Gráfico

Coordenação: Luiz Salomão Ribas Gomez
Equipe: Gabriela Medved Vieira
Pricila Cristina da Silva

Equipe Coordenação Pedagógica Licenciaturas a Distância EaD/CED/UFSC

Laboratório de Novas Tecnologias - LANTEC/CED

Coordenação Geral: Andrea Lapa

Coordenação Pedagógica: Roseli Zen Cerny

Material Impresso

Coordenação: Thiago Rocha Oliveira

Diagramação: Paula Reverbel, Guilherme André Carrion

Ilustrações: Robson Felipe Perucci dos Santos

Revisão gramatical: Tony Roberson de Mello Rodrigues

Design Instrucional

Coordenação: Isabella Benfca Barbosa

Designer Instrucional: Felipe Vieira Pacheco

Equipe de Reedição - CCE

Coordenação: Ane Girondi

Diagramação: Letícia Beatriz Folster, Grasielle Fernandes Hoffmann

Supervisão do AVEA: Máira Tonelli Santos

Design Instrucional: Paula Balbis Garcia, Luiziane da Silva Rosa

Ilustração: Aurino Neto

*Copyright@2011, Universidade Federal de Santa Catarina/LLE/CCE/UFSC
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida
e gravada sem a prévia autorização, por escrito, da Universidade
Federal de Santa Catarina.*

Ficha catalográfica

<p>Z79i Zipser, Meta Elisabeth Introdução aos estudos da tradução : teorias, histórias e prática : 2º período / Meta Elisabeth Zipser, Silvana Ayub Polchlopek, - 2. ed. - - Florianópolis : LLE/CCE/UFSC, 2011. 124 p.</p> <p>Inclui bibliografia. ISBN : 978-85-61483-56-2</p> <p>1.Tradução e interpretação – Estudo e ensino. I. Polchlopek, Silvana Ayub. II. Título.</p> <p>CDU 801=03</p>
--

Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

Sumário

Apresentação	7
---------------------------	----------

Unidade A – Primeiros percursos	9
--	----------

1 A tradução em estudo	11
1.1 Conceituando e definindo tradução	11
1.2 Os Estudos da Tradução	17
<i>Resumo</i>	21
<i>Leitura sugerida</i>	21

Unidade B – Alguns caminhos e teorias....	23
--	-----------

2 A teorização e a tradução	25
2.1 O Modelo de Holmes	25
2.2 Um pouco de história	36
2.3 Rumo a uma teoria – contemporânea – da tradução	43
<i>Resumo</i>	47
<i>Leitura sugerida</i>	49

3 Funcionalismo	51
3.1 A perspectiva funcionalista.....	51
3.2 Funcionalismo e Estudos da Tradução	53
3.3 A proposta de análise textual de Christiane Nord.....	56
<i>Resumo</i>	59
<i>Leitura sugerida</i>	60

Unidade C – Problematização da prática tradutória	61
--	-----------

4 A tradução e suas abordagens.....	63
--	-----------

4.1 A tradução vista como processo.....	63
4.2 A tradução vista como produto	65
<i>Resumo</i>	66
<i>Leitura sugerida</i>	66

Unidade D – Percursos da tradução..... 67

5 Contextualizando a tradução.....	69
5.1 A virada dos anos 90	69
5.2 A análise do discurso e a tradução.....	73
<i>Resumo</i>	80
<i>Leitura sugerida</i>	81
6 Pesquisas em tradução	83
6.1 Mapeamento da disciplina	83
<i>Resumo</i>	87
<i>Leitura sugerida</i>	87

Unidade E - Prática de tradução 89

7 A tradução em prática	91
Texto 1 - A guerra contra o narcotráfico no Rio de Janeiro.....	92
Texto 2 – Mineiros no Chile	97
Texto 3 – Mudanças de costumes dos consumidores espanhóis.....	102
Considerações finais.....	111
Glossário	115
Referências bibliográficas	121

Apresentação

Uma conversa inicial

Caro(a) aluno(a),

Este curso sobre Introdução aos Estudos da Tradução tem por objetivo maior oferecer a você uma breve introdução concernente à área, reunindo algumas das mais importantes tendências e contribuições dos estudos tradutórios. Apresentamos a você os principais conceitos e modelos de estudos tradutórios dentro de uma área de pesquisa que tem se desenvolvido rapidamente nas últimas décadas. Aproveitamos para esclarecer que o foco deste material de estudo é a tradução em sua forma escrita e não como interpretação oral. Pensando em apresentar a você uma visão abrangente dos principais pontos da área, selecionamos e organizamos os tópicos de estudo da seguinte maneira:

- Primeiros percursos, abrangendo alguns conceitos e definições de tradução;
- Alguns caminhos e teorias, com a apresentação do modelo de Holmes, dados históricos e teorias contemporâneas da tradução;
- O Funcionalismo, apresentando algumas teorias funcionalistas;
- A tradução vista como processo e produto;
- A década de 90 para os estudos da tradução;
- Mapeamento da disciplina;
- Prática de tradução (noções iniciais).

No que diz respeito à organização das seções deste material, você poderá encontrar, ao final de cada item abordado, um resumo de todo o conteúdo e também sugestões de leitura, incluindo uma bibliografia especializada e links para pesquisas na internet. A área dos estudos da tradução oferece uma arena de pesquisa envolvente e fascinante, visto que a tradução é uma forma de divulgar e aproximar culturas e contextos históricos. Esperamos que, ao final deste curso, você não só tenha uma visão mais completa desta área de estudo como também que tenhamos despertado em você a vontade de fazer parte dela. Então vamos lá!

Unidade A

Primeiros Percursos



1 A tradução em estudo

Neste capítulo, vamos refletir sobre o conceito do termo tradução, conhecer sua diversidade, suas áreas temáticas e qual a importância do estudo da tradução no curso de letras. Ainda teremos a oportunidade de resgatar informações sobre a história da tradução e também conhecer os primeiros passos para ser um profissional da área.

1.1 Conceituando e definindo tradução

Antes de pensarmos em conceitos e definições, observe a foto a seguir.

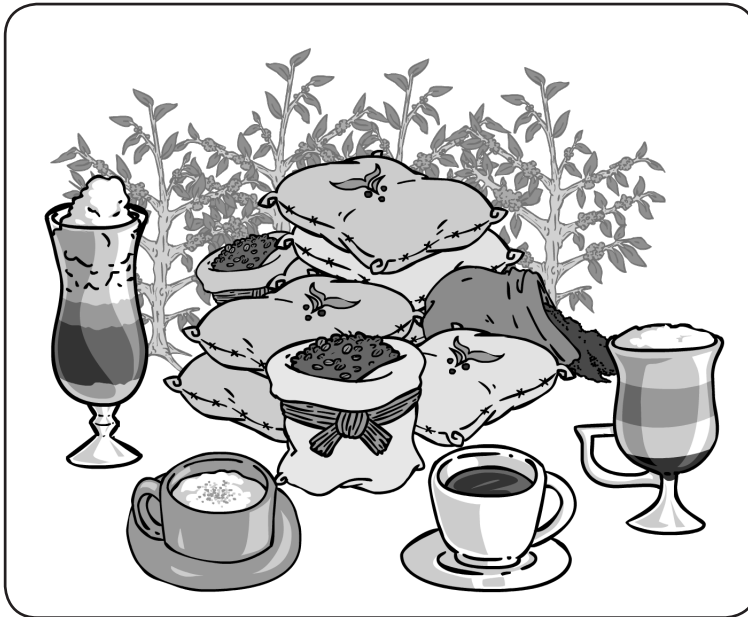


Figura 1: Cafés

O que você vê na figura 1? Apostamos que você ficou com vontade de saborear um cafezinho, ou não? Mas antes disso, precisamos pensar um pouco sobre a tradução e mais adiante podemos voltar ao nosso café!

Antes de começarmos a trilhar os diversos caminhos que os estudos da tradução nos oferecem, é necessário, primeiramente, pensar

sobre o que significa traduzir, **o que é** tradução, **como conceituar** essa atividade. Portanto, antes de prosseguirmos com a leitura, reservamos um espaço para que você elabore um conceito a respeito de tradução. Escreva algumas linhas com sua opinião pessoal os questionamentos propostos.

Você deve ter formulado uma ideia na qual estão implícitos conceitos como o de fidelidade total do texto traduzido em relação ao texto original. Neste contexto, o ato de traduzir deve “seguir à risca” o que o texto original traz para não alterar as informações do autor, correto? Isso é comum, até porque como tradutores, não podemos alterar as ideias, o significado e a estrutura do texto original. Esta é uma visão comum em relação à prática tradutória e é justamente essa visão demasiado simples que vamos discutir aqui.

Outra situação comum para quem estuda e/ou ensina uma língua estrangeira, qualquer que seja, é a de se deparar com pedidos de traduções (língua estrangeira → língua materna) e/ou versões (língua materna → língua estrangeira) de abstracts ou resúmenes, letras e música, trechos de livros, parágrafos deste ou daquele artigo. Afinal, se sabemos falar e escrever numa língua estrangeira, podemos, perfeitamente, traduzir e/ou verter textos sem maiores dificuldades, não é verdade? Infelizmente não, porque isso resolveria muitos dos nossos problemas e felizmente não porque, do contrário, não existiriam tradutores e nem este curso. Traduzir envolve muito mais do que o simples conhecimento de uma língua estrangeira; no entanto, essa é a visão que o aluno, neste caso, costuma ter do seu professor de idiomas e também da prática tradutória.

Se você sentiu algo de familiar nessas situações, deve também ter se deparado com alguns obstáculos vez ou outra ao realizar traduções, o

que fez de uma tarefa, aparentemente simples, uma pequena (ou grande) dor de cabeça. Então, confira a informação a seguir.

Ao termo **tradução** são atribuídos diversos significados, dependendo da corrente teórica que o adota como objeto de estudo e reflexão. Tradução é o ato ou efeito de traduzir. Já traduzir vem do verbo latino **traducere**, que significa “conduzir ou fazer passar de um lado para outro”, isto é, traduzir significa passar de uma língua para outra um texto escrito na primeira delas.

Entendida, assim, como um processo de transferência ou de substituição de conteúdo entre duas línguas naturais - a língua-fonte (LF) e a língua de chegada (LC), a tradução pode ser vista, também, como uma tentativa de recriação, visto que, para alguns teóricos, a tradução não pode ter a pretensão de substituir o texto original, isto é, sempre se poderá fazer tentativas de reescritura. Vamos conferir, a seguir, o que alguns teóricos pensam a respeito.

Boécio (480-520dC), na Idade Média, compreendia a tradução como a transmissão das ideias do texto-fonte (TF), isto é, seu conteúdo era mais importante do que sua parte artística; já os romanos preferiam a fluidez e uma maior naturalidade para o texto traduzido. Contemporâneo a nós, Geir Campos (1986, p. 27-8) afirma que “não se traduz afinal de uma língua para outra, e sim de uma cultura para outra; a tradução requer assim (...) um repositório de conhecimentos gerais, de cultura geral, que cada profissional irá (...) ampliando e aperfeiçoando (...). Já Maria Paula Frota (1999, p.55) compreende a tradução como reescritura, ou seja, um texto que transforma o texto estrangeiro, em razão de diferenças linguísticas e culturais, o que pode gerar diferentes *funções* para o **Texto Traduzido** (TT) na cultura de chegada.

Para seu melhor entendimento, consulte a definição de função na p. 52

Existem, ainda, outras duas maneiras mais gerais de abrangermos a tradução: uma voltada ao produto, ou seja, o TT e outra voltada ao processo, isto é, ao ato tradutório e às etapas de trabalho das quais esse texto resulta. Nord (1991) compreende a tradução com um ato comunicativo real, dentro de um contexto (de uma situação) real, o que implica que o texto que temos nas mãos passa a não ter somente os contornos da

página, mas também os contornos da sociedade, da cultura, da história do leitor-final para quem o texto é escrito. Em resumo, o “conceito” de tradução se modifica conforme a época histórica da qual nos posicionamos; portanto, sempre tenha o cuidado de deixar isso claro quando você expuser suas opiniões. Já **o ato de traduzir** significa fazer passar de um lugar para outro, ir ao encontro de uma nova cultura, de novos leitores, enfim, é uma comunicação intercultural. Isso implica um movimento que não pode ser percebido senão pela referência a uma terceira posição – a do observador – que determina o ponto de partida, a trajetória e o ponto de chegada.

A união desses conceitos nos leva à prática de tradução, isto é, uma prática da identidade ou da eliminação das diferenças; uma prática que envolve o próprio papel do tradutor como mediador intercultural mais próximo ou, às vezes, mais distante do autor e/ou do público leitor; uma prática que envolve duas culturas que passam a estar diretamente ligadas, uma vez que o tradutor procura colocá-las em contato através dessa tarefa de traduzir uma para a outra. Esses caminhos nos permitem estudar a tradução do ponto de vista do produto e do processo, conforme você irá ver mais adiante.

Enquanto produto, a tradução envolve, predominantemente, o lado do texto traduzido (TT) ou sua eventual comparação com outros textos traduzidos. Já como processo, a tradução se organiza sempre entre duas línguas escritas diferentes e envolve a mudança de um texto original (ou texto fonte - TF) escrito numa língua original (ou língua fonte - LF) para um texto escrito (texto alvo ou texto de chegada - TC) numa língua diferente da original (língua alvo ou língua de chegada - LC). A esse processo, mais comum e mais conhecido, dá-se o nome de tradução interlingual que, por sua vez, integra um conjunto de **três categorias tradutórias** descritas por Roman Jakobson (1963).

- tradução intralingual – ocorre dentro de uma mesma língua;
- tradução interlingual – ocorre entre línguas diferentes;
- tradução intersemiótica – ocorre através da interpretação de signos verbais por meio de sistemas de **signos** não-verbais. É o

Signos verbais: signo, significante e significado, conforme pensados por Saussure (1973); signos não-verbais: índice, ícone e símbolo, conforme pensados por Peirce (semiótica).

que ocorre, por exemplo, quando um texto escrito é traduzido para o layout de uma música, filme ou pintura. E, dentre essas categorias, os estudos da tradução abrem inúmeras possibilidades de pesquisa e discussões acerca de métodos, teorias, técnicas, do papel do tradutor e leitor e também, da descrição do que ocorre durante o processo tradutório em si.



Figura 2 Cafés

Você se lembra do cafezinho do início deste capítulo? Volte rapidamente à foto e repense as perguntas que deixamos para sua reflexão. Foi difícil de responder? Então, vamos pensar juntos. O nosso objeto comum é a xícara de café, todas diferentes como podemos ver nas fotos. Por trás de cada xícara pode haver um lugar específico para se tomar o café como, por exemplo, uma cafeteria em Buenos Aires, Madrid, Paris ou ainda, uma padaria num bairro em São Paulo ou mesmo na esquina de sua casa; pode haver uma pessoa sozinha ou acompanhada saboreando o cafezinho; pode ser que este café seja preparado de uma maneira especial com licores ou não; o preço pode ser diferente; o atendimento no lugar também; as pessoas que te servem podem te conhecer ou não; pode ser que seja outono; inverno ou mesmo verão e o cafezinho pode ser servido gelado; as conversas a mesa podem ser distintas. Enfim, todas essas informações formam o que chamamos de contexto ou situação comunicativa que é essencialmente distinta para cada xícara de café.

Você mesmo pode estar formando imagens na sua mente neste momento, enquanto descrevemos estas informações e chegar a uma outra imagem, local, companhia, conversa sobre este cafezinho. Tudo em função da maneira como você experiencia este café, da maneira como conhece este café na sua situação comunicativa, no seu contexto social, histórico e cultural.

Agora, pense em como as pessoas nestas diferentes situações podem pedir o café:

- Donnez-moi un café, s'il vous plaît !
- A coffee, please!
- Um caffè, per favore!
- Um cafezinho, por favor!
- Un café, por favor!

Da mesma maneira como o café não é o mesmo nas fotos, as maneiras de pedir por ele também não são. Mas o que isso tudo tem a ver com tradução se o que ficou até o momento foi uma vontade incontornável de tomar aquele cafezinho do jeito que você gosta? Tudo!

Quando pensamos em tradução, pensamos exatamente numa situação comunicativa – não padronizada – por isso os cafezinhos são tão diferentes e, enquanto tradutores, devemos considerar não apenas as frases que pedem o café nos idiomas que traduzimos, como também todo o contexto dessa situação na qual o café está inserido e isso inclui pensar como aquela pessoa para quem o texto foi pensado (o leitor final) vê, sente, aprecia o café. Esta é a nossa postura frente ao ato de traduzir o que, a nosso ver, responde também pela necessidade de se estudar tradução no curso de Letras.

A matéria-prima dos tradutores e dos estudantes de Letras é a língua e todas as suas características fonéticas, fonológicas, sociais, históricas e culturais. Uma dessas manifestações da língua é justamente no ato tradutório que se concretiza pelas mais diversas razões: econômicas; diplomáticas; literárias; sócio culturais; comerciais; militares; políticas;

científicas; educacionais - todas focando um objetivo em comum: COMUNICAÇÃO. A tradução é intrínseca a Letras, pois muitas vezes é a única maneira de conhecermos os textos clássicos, linguísticos, literários que estudamos.

Você poderá comprovar, ao longo deste curso, que não basta um nível de espanhol avançado para se traduzir e que devemos ter claro que só pelo fato de sermos professores do idioma que estudamos, isso não significa que somos tradutores. Para isso, temos que desenvolver competências, práticas e estratégias tradutórias, além de conhecer a história, as teorias e a pesquisa em tradução. É isso que iremos discutir com você e esperamos que, ao final dessa caminhada, você esteja motivado para não só aprender mais sobre tradução como também para valorizar o profissional tradutor.

Mas afinal, você deve estar se perguntado como os estudos da tradução se desenvolveram enquanto área de pesquisa acadêmica e o que significa, exatamente, estudar tradução. Esperamos que você encontre a resposta para essas e outras perguntas a seguir. Começemos, então, pelos estudos da tradução como disciplina acadêmica.

1.2 Os Estudos da Tradução



Figura 3: Imprensa

Aqui vamos conhecer um pouco sobre a história da tradução que, longe de ser uma atividade recente, resultado de processos de globalização, remonta a tempos imemoriais, respondendo às mais diversas necessidades tais como: imitação, reprodução, difusão do conhecimento, entre outras.

Através da história, traduções escritas ou faladas têm tido um papel crucial na comunicação entre os seres humanos, favorecendo o acesso a textos importantes, inclusive de propósitos acadêmicos. A necessidade do contato entre culturas, conhecimentos e modos distintos de pensar foram questões decisivas para instituir um espaço acadêmico destinado a pesquisas teóricas e práticas sobre tradução. Esse conjunto de práticas acadêmicas vem instituindo várias tendências, nos últimos 50 anos, e várias concepções de tradução envolvidas nelas.

Como campo de pesquisa acadêmico, os estudos da tradução começam a se estruturar há cerca de 50 anos. O nome da disciplina, tal como o conhecemos hoje, deve-se ao pesquisador alemão, naturalizado americano, James S. Holmes (1972), que a descreve como estando relacionada a um complexo de problemas em torno do fenômeno de traduzir e das traduções. Nesse sentido, a tradução é o seu objeto à medida que constitui uma unidade de trabalho e reflexão e não uma dispersão, isto é, fragmentos de textos e trabalhos ocasionais, o que não impede, porém, que se estabeleçam ramificações que busquem abranger todos os aspectos relativos à prática tradutória, conforme nos mostra Holmes.

A importância dessas ramificações dos estudos da tradução tem sido verificada por meio de duas situações, como apresentadas a seguir.

1. Disseminação de traduções para áreas especializadas com profissionais freelance e também, através de agências de tradução e da expansão de cursos de tradução e interpretação em nível de graduação e pós-graduação (cursos que orientam a formação e o treinamento de profissionais tradutores e intérpretes)
2. Várias publicações profissionais dedicadas à prática da tradução e das conferências realizadas na área a respeito de uma série de temas-chave, adaptados por nós a partir da diversidade de trabalhos que vêm sendo difundidos na área, tais como:

Confira classificados gratuitos no site tradutores.com: <http://www.tradutores.com/tradutor/index.php/classificados-gratis/>

- Tradução e treinamento de tradução;
- Tradução literária;
- Modelos de pesquisa em tradução;
- Gênero e tradução;
- Tradução como cruzamento de culturas;
- Tradução e globalização;
- Tradução de documentos legais;
- Tradução e significado;
- História da tradução;
- Tradução de literatura comparada.

Até a sua institucionalização como disciplina no meio acadêmico, a atividade tradutória era vista simplesmente como elemento de aprendizado de línguas em cursos de idiomas, o que pode explicar o motivo de a disciplina ter sido considerada, durante muito tempo, com sendo de um status secundário.

Vale lembrar que a prática tradutória já foi amplamente utilizada no método gramática-tradução como recurso para a leitura e apreciação de textos religiosos e literários e também pelo áudio-lingual como “método de leitura” e, não raro, por outras metodologias de ensino (num caráter eventual) como instrumento de avaliação do conhecimento do aluno sobre a língua em estudo. Se pensarmos em exercícios com frases isoladas e descontextualizadas, não é difícil compreender o status marginal que a tradução ostentava até pouco tempo atrás.

O começo dessa mudança ocorreu nos EUA, quando a tradução literária foi especialmente oferecida, nos anos 60, sob a forma de workshops elaborados para servir como uma espécie de plataforma para a introdução dos princípios do processo de tradução e da compreensão

dos textos. Paralelamente a essa abordagem, estudava-se, também, a literatura, comparada transnacionalmente e transculturalmente, exigindo a leitura de textos literários traduzidos, fator que definiria, posteriormente, os cursos com ênfase nos estudos culturais.

Outra área que se tornou objeto de pesquisa, vigente dos anos 30 aos anos 60, foi a análise contrastiva.

Essas pesquisas tinham por objetivo o estudo de duas línguas em contraste a fim de se identificar diferenças gerais e específicas entre elas e influenciaram, por exemplo, os trabalhos de pesquisadores como Vinay e Dalbernet (1958) sobre análises estilísticas comparativas entre o francês e o inglês, observando diferenças entre as línguas e identificando estratégias tradutórias utilizadas em cada uma delas; John Catford (1965), analisando a língua como comunicação operando funcionalmente num dado contexto e numa variação de níveis diferentes (fonológico, gramático, lexical, grafológico) e Andrew Chesterman (1997) cujo livro, bastante conhecido na área, chamado *Memes of Translation*, descreve estratégias de tradução para esse tipo de *análise em textos escritos*.

Contrariando o fato de que esse tipo de análise [contrastiva] não incorpora fatores socioculturais, Chesterman inclui um grupo de estratégias denominadas "Pragmáticas", ou seja, de uso frequente da língua, nas quais estão incluídos itens de análise referentes à cultura, bem como omissão (apagamento) e explicitação (paráfrases) de informações, por exemplo, vinculadas à análise do leitor final e explorando o papel da tradução como um ato comunicativo.

Enquanto que em muitos grupos de pesquisa a tradução continuava a ser um modelo nos cursos de linguística aplicada, os Estudos da Tradução começavam a apontar para os seus próprios modelos sistemáticos que incorporavam outros modelos linguísticos e os desenvolviam para os seus próprios propósitos. Ao mesmo tempo, a construção dessa nova disciplina envolveu o afastamento da visão que se tinha da tradução como área conectada, primeiramente, ao ensino e aprendizado de línguas estrangeiras. O novo foco passou a ser o estudo específico do que acontece **no** e **em torno do** ato tradutório e da própria tradução.

Uma abordagem mais sistemática e orientada, principalmente, à linguística começou a emergir nas décadas de 50 e 60, época em que Eugene Nida (1949) usa, pela primeira vez, a palavra ciência para designar a tradução dentro do território de investigações acadêmicas que começava a se instaurar. Dessa forma, a prática tradutória, antes considerada derivacionista e secundária, atitude que acabou desvalorizando os estudos acadêmicos na área, envolve, hoje, um vasto campo de pesquisadores e teóricos que mantêm a dinâmica desses estudos.

Resumo

Nessa parte introdutória, refletimos sobre o conceito e definição sobre o ato de traduzir e também, conhecemos as áreas temáticas nas quais a tradução pode ser inserida como tema de pesquisa. Outros pontos sobre o qual conversamos foram a importância de estudarmos tradução no curso de Letras e a necessidade de se deixar claro o ponto de vista teórico do qual falamos quando discutimos tradução, visto que isso implica opiniões, métodos, conceitos e teóricos bastante específicos. Conhecemos, ainda, os primeiros passos para que os estudos da tradução viessem a se tornar uma disciplina aceita academicamente, sendo um dos mais importantes deles o seu afastamento do ensino e aprendizado de línguas estrangeiras, área na qual a tradução era uma atividade menor, sem importância e marginal. Desvinculada dessas metodologias pedagógicas, o novo foco de estudo passou a ser o que acontece no e em torno do ato tradutório e da própria tradução, gerando, a partir de então, inúmeras interfaces e possibilidades de pesquisa, teorias e metodologias próprias que você irá conhecer. A seguir, vamos dar continuidade aos nossos estudos com o modelo proposto por James S. Holmes (1988).

Leitura sugerida

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução: Uma nova proposta**. Pontes, São Paulo, 2004.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: theories and application**. Routledge, NY, 2002

NORD, Christiane. **Comunicarse Funcionalmente En Dos Lenguas**. In: Léxico especializado y comunicación interlingüística. Edited by FABER, Pamela; JIMÉNEZ, Catalina & WORJAK, BERD. Stica, Granada: Granada Lingüística, 285-296, 2004.

LOGUS Multilingual Portal. Este site traz um curso interativo de introdução à tradução. Do seu original, em italiano, foi traduzido para diversas línguas. Disponível em: http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.corso_traduzione_en?lang=en -Último acesso em Maio, 2007.

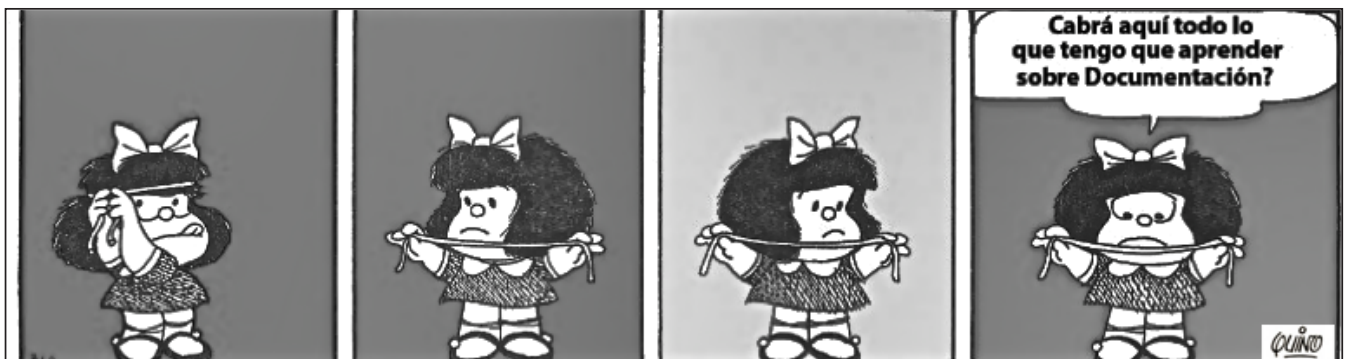
The history of Translation Day. Este site traz a história sobre o dia internacional da tradução e os temas que “o dia” vem considerando desde então. Disponível em: <http://www.translators.org.za/indexes/english/jerome/jerome-history.html>. Último acesso em: Maio, 2007.

WIKIPEDIA. **Tradución**. Disponível em: <http://gl.wikipedia.org/wiki/Traduci%C3%B3n>. Último acesso em: Junho, 2007.

TAVARES, Fred. **Marca, Signo e Mito**. Neste site você encontra o referido artigo e explicações mais detalhadas sobre a questão dos signos verbais e não-verbais. Disponível em: http://www.facha.edu.br/professores/artigos/fred_tavares/20051005.asp. Último acesso em Maio, 2007.

Unidade B

Alguns caminhos e teorias



2 A teorização e a tradução

Neste capítulo, vamos conhecer um pouco da história dos primeiros registros considerados traduções, os primeiros textos escritos e também alguns autores que foram fundamentais para a área da tradução.

2.1 O Modelo de Holmes

James S. Holmes (1988) foi o responsável por dar atenção às limitações impostas sobre o fato de a pesquisa em tradução estar dispersa por disciplinas antigas, enfatizando a necessidade de se abrir outros canais de comunicação para alcançar todos os estudiosos que trabalhavam na área da tradução, não importando a sua afiliação teórica. Para tanto, Holmes elaborou um modelo descritivo das áreas que os estudos da tradução poderiam abarcar, como apresentado a seguir.

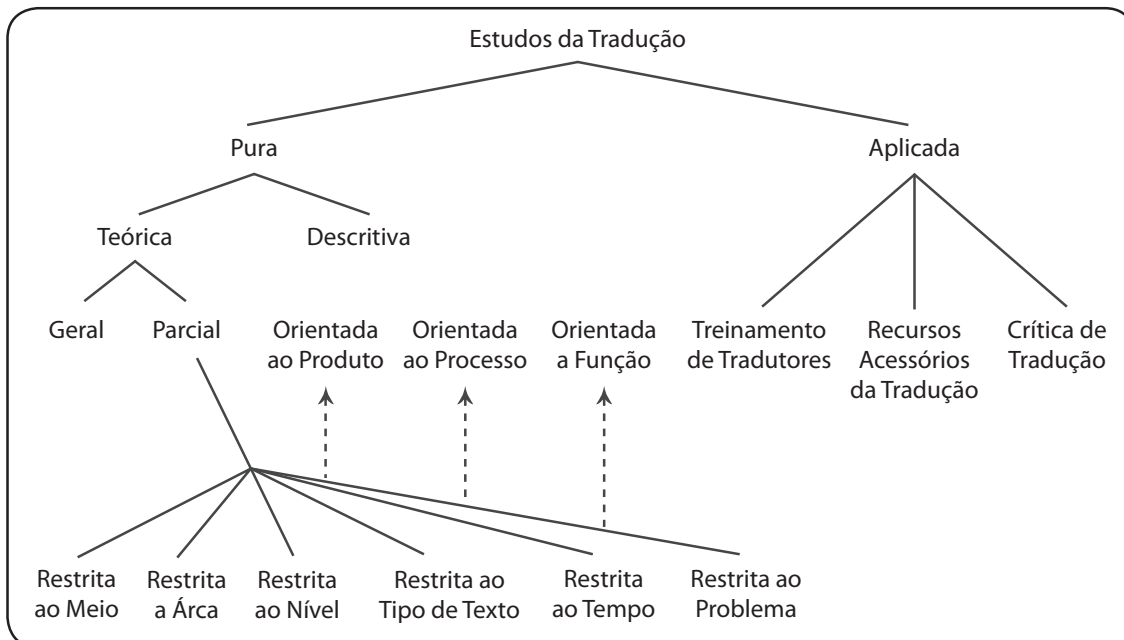


Figura 4: Modelo de Holmes para os Estudos da Tradução. Fonte: MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies*, 2002. Tradução das autoras.

De acordo com este modelo, a ramificação teórica divide-se em ‘Pura’ e ‘Aplicada’. A área considerada ‘Pura’ subdivide-se em:

1. *Teorias descritivas* - a descrição do fenômeno da tradução e,
2. *Teoria da tradução* - o estabelecimento de princípios gerais para explicar e prever tal fenômeno.

A área relacionada à Teoria da Tradução, na ramificação considerada por Holmes como sendo 'Pura', subdivide-se em:

- *Geral* - artigos que visam descrever ou considerar todo tipo de tradução e fazer generalizações relevantes para a tradução como um todo e,
- *Parcial* - restrita aos parâmetros apontados acima.

Dessa ramificação, tida como Parcial, Holmes aponta para os seguintes tópicos de estudo:

1. *Teorias restritas ao meio* – traduções feitas por pessoas ou máquinas;
2. *Teorias restritas à área* – traduções de línguas específicas ou grupos de línguas e culturas;
3. *Teorias restritas ao nível* – teorias linguísticas restritas a um nível específico da palavra ou frase;
4. *Teorias restritas ao tipo de texto* – traduções de tipos discursivos ou gêneros: literária, de negócios, técnica;
5. *Teorias restritas ao tempo* – teorias e traduções limitadas de acordo com a moldura específica de um tempo ou período;
6. *Teorias restritas ao problema* – problemas específicos da tradução como a questão da equivalência.

DTS - Descriptive Translation Studie.

Já em relação à análise descritiva (DTS) da tradução, segundo o próprio Munday (2002), a segunda ramificação dos estudos considerados 'puros' reúne três focos principais: estudo do **produto**, da **função** e do **processo**. Segundo o autor, esses três focos podem ser incluídos no ramo teórico para desenvolver tanto uma teoria geral da tradução quanto teorias parciais restritas às subdivisões do modelo apresentado na Fig 4.

1. **Orientada ao produto** – estuda as traduções existentes, envolvendo a descrição ou análise de um único par de TF e TT ou faz

uma análise comparativa de muitas traduções feitas a partir de um mesmo TF.

2. **Orientada à função** – descreve a função das traduções na situação de receptor sociocultural. Estuda contextos em vez de textos. Provavelmente, essas traduções seriam chamadas hoje de traduções orientadas aos estudos culturais.
3. **Orientada ao processo** - trata da psicologia da tradução, a tentativa de descobrir o que ocorre na mente do tradutor durante a realização do seu trabalho.

No que diz respeito ao ramo das pesquisas ‘Aplicadas’ em tradução, Holmes propõe uma subdivisão em três itens:

4. **Treinamento de tradutores** – métodos de ensino, avaliação de tradução;
5. **Recursos acessórios de tradução** – dicionários, gramáticas, informações tecnológicas;
6. **Crítica de tradução** – avaliação de traduções, revisões críticas.

Ainda segundo Holmes, se esses aspectos relativos aos estudos ‘Aplicados’ forem plenamente desenvolvidos, é possível obter uma segunda figura (Fig. 5) como extensão da primeira, conforme você pode observar na sequência.

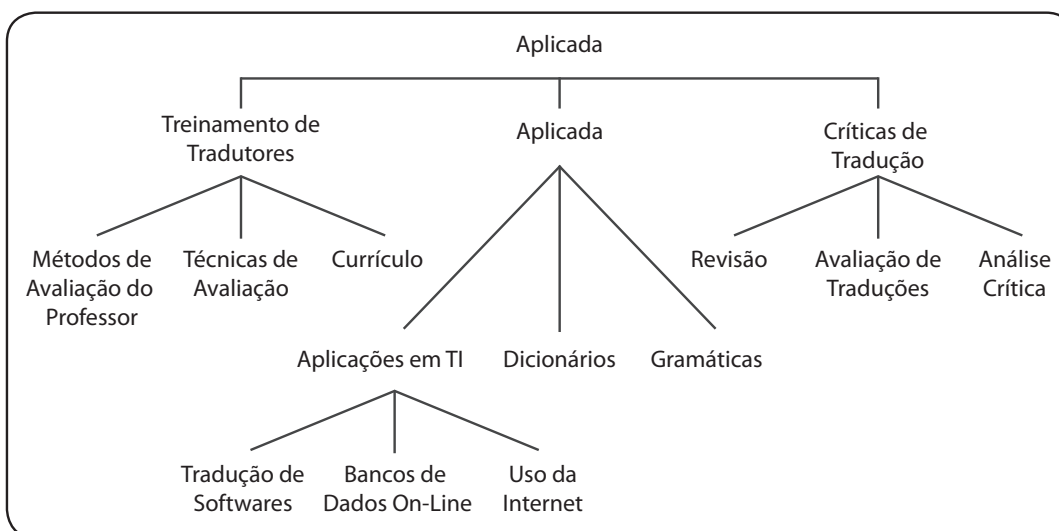


Figura 5: Modelo de Holmes para o ramo ‘Aplicado’ dos Estudos da Tradução.

Treinamento de tradutores – métodos de avaliação de ensino, técnicas de avaliação; estrutura curricular;

7. **Recursos acessórios de tradução** – aplicações TI ou tecnologia da informação (softwares de tradução, base de dados online e uso da internet), dicionários e gramáticas;
8. **Crítica de tradução** – revisões, avaliação de traduções e crítica de tradução.

Como você pode observar, a tentativa de Holmes foi mostrar as inúmeras possibilidades de estudos e pesquisas envolvidos no campo da tradução de maneira a atrair a atenção de pesquisadores de áreas afins para o campo tradutório. Tal fato gerou, posteriormente, outras ramificações que vieram a caracterizar os estudos da tradução como área acadêmica reconhecida e autônoma.

A seguir, vamos conhecer um panorama de 10 possíveis áreas de pesquisa referentes aos estudos da tradução, objetivando oferecer um ponto de orientação para aqueles que desejem explorar a área nas suas mais diversas dimensões.

2.1.1 Análise Textual e Tradução

- a. **Análise do texto fonte** – foco na análise do TF examinando vários aspectos textuais dos quais podem florescer ‘problemas’ de tradução. Trata-se de um ponto relevante no que diz respeito ao treinamento de tradutores, e uma boa referência de leitura são os trabalhos da professora, tradutora e teórica funcionalista alemã Christiane Nord (1991). O objetivo desse tipo de trabalho é preparar o aluno para a tradução em si, visto que, após uma análise cuidadosa de aspectos sintáticos, semânticos e estilísticos do TF, presume-se que o processo de encontrar soluções adequadas para a tradução seja mais fácil.
- b. **Comparação de traduções e seus TF** - trabalha-se com várias traduções a partir de um mesmo texto original, na mesma língua ou em línguas diferentes. Nesse tipo de trabalho, é necessário escolher determinados aspectos da tradução para realizar as

pesquisas como, por exemplo, trabalho com passivas, ou aspectos diferentes, como o uso de dialetos, além de analisar como o tradutor resolve esses problemas, quais as estratégias utilizadas por ele. O objetivo desse tipo de estudo é encontrar padrões de correspondência entre os textos, podendo o pesquisador estudar possíveis regularidades no comportamento do tradutor ou princípios gerais que determinem até que ponto determinados aspectos podem ser traduzidos em determinadas condições.

- c. **Comparação de traduções e textos não traduzidos** - pesquisas, nesse sentido, comparam textos traduzidos numa determinada língua, com textos originalmente escritos nessa mesma língua – chamados *corpora comparáveis*. Com o avanço dos estudos da tradução baseados em *corpora*, é possível analisar como as traduções diferem de outros textos na língua-alvo.
- d. **Tradução comentada** – também chamada de tradução anotada – esse tipo de trabalho prevê a tradução de um texto ao mesmo tempo em que se escrevem comentários a respeito do processo de tradução; é feita uma análise do TF enquanto se justificam os tipos de soluções para determinados ‘problemas’ de tradução.

Chama-se *corpus*, no plural, *corpora*, o conjunto de textos utilizados em pesquisas linguísticas e de tradução.

2.1.2 Avaliação da Qualidade da Tradução

Os tradutores são avaliados na vida real em várias circunstâncias como, por exemplo, durante um treinamento, exames de proficiência, através de críticas e revisões e também, pelo leitor comum. Nesse sentido, existem três abordagens qualitativas para se avaliar traduções de um modo geral:

1. *orientada ao TF*, visto que, tem por base a relação TF e TT. Os métodos de avaliação marcam definições de equivalência exigidas e classificam tipos de desvios dessa equivalência;
2. *orientada ao TT*, ponto em que a equivalência não representa um conceito central. Essa abordagem conduz a uma análise textual para avaliar as diferenças entre a tradução em questão e outros textos comparáveis na língua alvo. A ideia é medir o grau de naturalidade da tradução; e

A teoria do pesquisador Hans Vermeer está descrita na p. 55 desse material.

3. os *efeitos da tradução* nos clientes, professores, críticos especializados, leitores; pode-se, até mesmo, entrevistar editores ou leitores sobre suas expectativas referentes à qualidade da tradução. Nesse tipo de abordagem, as teorias funcionais e comunicativas, tais como a *Skopostheorie* de **Hans Vermeer** são bastante úteis.

2.1.3 Tradução de Gêneros



Figura 6: literatura infantil

Nessas abordagens, predominam drama, poesia, prosa de ficção, literatura infantil, textos religiosos, de turismo, técnicos, multimídia e documentos legais. Por exemplo, no caso do drama, é preciso considerar se a peça é para ser lida ou encenada. Já na poesia, é preciso considerar se é uma versão em prosa ou um poema com métrica, rima, cadência e ritmo. Deve-se considerar, igualmente, a modalidade narrativa do autor ou tradutor sobre a prosa ficcional, no caso de romance ou conto. Quanto aos textos religiosos, há que se prestar atenção à lacuna temporal e cultural entre as sociedades e a tensão entre os textos religiosos como a Bíblia e as sagradas escrituras.

No caso da literatura infantil, devemos considerar se o texto é escrito para ser lido para ou pelas crianças. Os textos de turismo envolvem um alto grau de contato linguístico e de cruzamento entre culturas, já os textos técnicos dizem respeito aos assuntos da ciência, tecnologia,

economia, medicina, enquanto que os textos legais envolvem a tradução de problemas e normas diversas.

2.1.4 Tradução de Multimídia



Figura 7: multimeios

Envolve textos audiovisuais, usando som e imagem para o rádio, TV, filmes, DVDs, vídeos, apresentação de eventos ligados à arte, como óperas ou teatro tanto traduzidos por meio de dublagem como por meio de legendas.

2.1.5 Tradução e Tecnologia

Essa nova tradução de pesquisa abrange:

- *Avaliação de softwares* – estuda programas para gerenciamento de terminologia e sistemas de memória de tradução que permitem o acesso a traduções prévias e documentos similares;
- *Localização de softwares* – adapta um produto de software para uma língua ou cultura alvo: adapta a interface, arquivos de ajuda e documentos de ajuda também. Um exemplo para esse procedimento são os programas de ajuda que utilizamos no WORD (Microsoft) e que vêm traduzidos do inglês para o português ou outras línguas.

Um exemplo dessa ininteligibilidade é a seguinte frase retirada de um texto recente sobre a cantora Susan Boyle e colocada no tradutor automático do Google. Texto original: Susan Boyle, the latest overnight YouTube sensation, may well end up the recipient of a bonanza from her new status as unlikely heroine. Texto traduzido pela ferramenta do tradutor automático do Google: Susan Boyle, o mais tardar overnight YouTube sensação, pode muito bem acabar o destinatário de uma bonança de seu novo estatuto de heroína improvável. Disponível em: <http://bits.blogs.nytimes.com/2009/04/23/youtube-and-partners-miss-out-on-boyle-bonanza/> Acessado pela última vez em Maio/2011.

- *Tradução de websites* – avalia o produto, explora a familiaridade/distanciamento das línguas controladas no projeto do *website* para facilitar a tradução das línguas utilizadas nos projetos de *website*;



Figura 8: *world wide web*

- *Efeitos da tecnologia* - pesquisa o impacto que os sistemas tecnológicos têm tanto no modo como os tradutores trabalham como na apresentação final da tradução, por exemplo, o caso dos tradutores automáticos que traduzem as palavras, sem regras sintáticas ou semânticas, dando às frases um caráter de ininteligibilidade.

O lugar da tecnologia no treinamento de tradução - analisa quais tecnologias podem ser apropriadas e em quais contextos, com softwares específicos para tradução.

2.1.6 História – Caminhos da Tradução

Em estudos dessa natureza, devemos fazer algumas perguntas que norteiam as pesquisas:

Quem? O quê? Por quê? Como?

- Com referência aos tradutores e suas afiliações teóricas, suas relações com editores, sua motivação e sua prática de tradução, além do contexto do espaço intercultural que os tradutores habitam entre duas línguas e duas culturas - *Quem?*;

- Com respeito aos textos que são ou não traduzidos em culturas e tempos específicos, estabelecendo relações entre comunidades linguísticas majoritárias e minoritárias, entre centros imperiais e coloniais - **O quê?**;
- Sobre como os textos são traduzidos em tempos específicos, além do uso da tradução para estabelecer uma literatura nacional, relações entre as duas culturas relacionadas ou os interesses individuais dos editores – **Por quê?**; e
- Com relação a análises detalhadas de traduções individuais dentro do seu contexto histórico e social, adquirindo um importante papel de preencher lacunas na história; são pesquisas referentes a aspectos micro e macro da História da Tradução – **Como?**

2.1.7 Fatores Culturais ou Ideológicos

Essa linha de pesquisa estuda a forma como as traduções têm sido influenciadas por fatores culturais e ideológicos e que efeitos essas traduções exercem sobre os leitores e as culturas-alvo, efeitos estes que podem ter grandes dimensões éticas. Portanto, algumas palavras-chave nesse sentido são: poder, emancipação, gênero, pós-colonialismo, nacionalismo, identidade, hegemonia, minoridade, identidade cultural e a questão da visibilidade do tradutor.

2.1.8 Treinamento de tradutores

Nos últimos 10 anos, de acordo com pesquisas na internet percebemos que o número de cursos de especialização e pós-graduação com ênfase nos estudos tradutórios aumentou, incluindo o curso de mestrado nessa área, primeiro no Brasil, oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina. Outras instituições também oferecem a opção de se estudar a tradução, como por exemplo: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); PUC-PR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná que oferece curso de especialização em Tradução; a UNESP em São José do Rio Preto; a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com bacharelado em Letras, habilitação tradutor em português e uma língua estrangeira; a Universidade de Brasília (UnB) com

Você pode ter acesso a todas as universidades brasileiras no site: <http://universidades.com.br/brasil.htm>

bacharelado e agora mestrado em tradução para o ano de 2011, que, mais recentemente, passou a oferecer, a exemplo da UFSC, um curso de pós graduação em Tradução. Temos, ainda, a PUC-RJ com bacharelado em tradução-inglês, entre outras.

O levantamento realizado por nós considerou as instituições que têm a tradução na sua grade curricular. Outra questão foi a menção feita à tradução como área de trabalho para o formando de Letras, mesmo sem a devida preparação, isto é, com apenas um semestre da disciplina ou com a disciplina como eletiva no currículo. Nosso objetivo é fazer você refletir se um semestre de tradução realmente oferece condições para que o formando de Letras atue como tradutor-intérprete, sendo que existem hoje cursos específicos de graduação nesta área. Ressaltamos, ainda, que esta foi uma pesquisa de caráter informal, sem qualquer cunho acadêmico ou crítico sobre qualquer instituição. Por isso, não são mencionados nomes.

Você poderá encontrar mais informações sobre a teoria de Nord mais adiante, quando estudarmos o Funcionalismo.

Por outro lado e apesar de o treinamento de tradutores ser um assunto relevante, pouca ou quase nenhuma pesquisa foi realizada sobre esse assunto. Ressaltamos aqui as reflexões da professora de tradução e teórica alemã Christiane Nord. Em seu livro *Text Analysis in Translation*, Nord (1991) sistematiza fatores de interferência para a análise dos textos fonte e do texto traduzido que auxiliam tanto a reflexão sobre a prática de quem já é tradutor profissional quanto do aprendiz.

2.1.9 Modelos Teóricos de Tradução

Entendemos por ‘modelo’ uma construção que representa algum aspecto da realidade, concordando com Chesterman e Williams (2002, p.49). No caso dos modelos teóricos, de modo geral, representam seus objetos (quaisquer que sejam) de uma forma mais abstrata, visto que, esses objetos são baseados em pressuposições, concepções de como são estruturados ou de como podem estar relacionados com outros fenômenos. Esses modelos são tentativas de construir uma imagem do objeto de estudo, que podem tornar mais fáceis a visualização, a compreensão e a análise de um processo e seus resultados. Essas representações podem

ser altamente idealizadas ou simplificadas; no entanto, não são instrumentos conceituais úteis, pois são simplesmente mapas do que pensamos ser as características mais importantes do objeto.

Na área dos estudos da tradução, utilizamos três tipos básicos de modelos teóricos, como podemos conferir a seguir.

- **Comparativo:** este modelo tende a ser estático e orientado ao produto, além de ser centrado em algum tipo de relação de equivalência. Aqui, pode-se estudar a diferença entre termos como correspondência e equivalência.
- **Processual:** este modelo representa a tradução enquanto processo e introduz dimensões de tempo sendo, portanto, um modelo dinâmico. Esses modelos são úteis quando o interesse recai sobre relações sequenciais entre diferentes fases do processo de tradução.
- **Causal:** modelo que pesquisa as atitudes do tradutor numa determinada fase da tradução, como as causas das decisões do tradutor em relação às instruções recebidas do cliente, do propósito da tradução, as suas próprias influências sócio culturais no texto; o que essas decisões podem causar para o texto e, quais os seus efeitos nos leitores, no próprio tradutor e no ambiente sócio cultural.

2.1.10 A Profissão de Tradutor

As pesquisas nesse sentido podem ser tanto históricas quanto contemporâneas. As pesquisas históricas podem observar como a associação profissional tem se desenvolvido num país, região ou continente. As pesquisas contemporâneas podem estudar questões relacionadas à situação atual das associações profissionais no país, abrangendo, por exemplo, assuntos relativos ao código de ética, ao status empregatício dos membros, à natureza dos processos de certificação.

Os conceitos sobre equivalência e correspondência são discutidos por Mona Baker (1999), Werner Koller (1979), Heloisa G. Barbosa (2004) e Umberto Eco (2007), entre outros. Esses temas serão abordados em outra oportunidade.

Leitura sugerida

CHESTERMAN, Andrew & WILLIAMS, Jenny. **The Map: a beginner's guide to doing research in Translation Studies**. St. Jerome Publishing. Cornwall, UK, 2002.

MARK, Shuttleworth; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. St Jerome Publishing, 1997.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: theories and application**. Routledge, NY, 2002.

HATIM, Basil & MUNDAY, Jeremy. **Translation: An Advanced Resource Book**. Routledge Applied Linguistics, NY, 2004.

2.2 Um pouco de História

Antes de discutirmos as questões práticas, envolvendo a tradução propriamente dita, é importante que você conheça um pouco mais sobre a história relacionada aos primeiros textos e reflexões teóricas acerca da tradução que colaboraram para o seu desenvolvimento como disciplina acadêmica, tal como a conhecemos hoje. Essas concepções não registram uma cronologia, apenas apontam para ideias relevantes sobre a tradução e que foram se desenvolvendo à medida que a disciplina foi adquirindo contornos próprios.

Lembre-se que, para compreender qualquer resgate histórico, é preciso ter a consciência da tradução como reflexo de um período histórico, de uma sociedade, de uma língua. Enquanto prática linguística, o fazer tradutório reflete uma concepção de linguagem e, conseqüentemente, a maneira de se ver a tradução muda conforme vai se modificando, também, a perspectiva de mundo dos teóricos.

Confira as dicas de leitura ao final desta seção.

Segundo *Lanzetti*, os primeiros registros de traduções remontam aos chamados **targumim** (300 a.C.), isto é, textos que eram traduções para o aramaico (língua vernácula dos judeus) a partir dos Escritos Sagrados e do Cânone Judaico (originalmente em hebraico). O ideal tradutório, neste período, era o da fidelidade ao texto-fonte. Essa importância dada à literalidade predominou, também, durante o período

do helenístico com a tradução da *Odisséia* de Homero do grego para o latim. Esse registro marca, para alguns pesquisadores, a história da tradução no ocidente.

Outro registro das primeiras traduções existentes nos vem através da **Pedra de Roseta**, um bloco de granito negro no qual está gravado um mesmo texto, um decreto instituído em 196 a.C. sob o reinado de Ptolemeu V Epifânio, escrito em duas línguas principais: egípcio tardio e grego. O texto egípcio tem ainda outras duas versões, em hieróglifos e demótico, sendo esta última uma variante cursiva da escrita hieroglífica. A base para decifrar o seu conteúdo foi a língua grega, bem conhecida na época, e que ajudou Jean-François Champollion, em 1822 e Thomas Young em 1823, a traduzir os hieróglifos.



Figura 9: Pedra de Roseta

Link do site: http://es.wikipedia.org/wiki/Piedra_de_Rosetta

Cícero (106 a.C. a 46 a.C.) e **Horácio** (13 a.C.) representam, também, importantes figuras para a tradução no que diz respeito ao período romano. Neste período histórico, rompe-se com a questão da “fidelidade” ao TF e os tradutores passam a dar preferência a um texto mais natural e fluido ou, de acordo com Horácio, mais criativo e agradável na língua-alvo. Para a elite romana, a tradução era um exercício de enriquecimento da língua e uma forma de recuperação de valores culturais; nesse sentido, o papel do tradutor deveria ser o de solucionar sempre os problemas tanto na LP como na LC. O importante nesse processo não era uma ideia nova, mas sim dizer de outra maneira, aquilo que já havia sido dito antes.

Diferentemente dos romanos, o ideal tradutório na Idade Média voltou-se mais uma vez aos princípios da literalidade, ou seja, transmitir a **ideia** do texto original (o seu conteúdo) e não a sua parte artística. **Boécio** (480-524) é uma figura imanente desse período, sendo o responsável pelas retraduições dos escritos de Aristóteles do árabe para o latim. Já os monges cristãos, nesse mesmo período, foram responsáveis por quase 90% de todas as traduções para e de línguas ocidentais na Europa.

Através da tradução para o latim dos Escritos Sagrados Judaicos, conhecidos como *Vulgata*, **São Jerônimo** (390-405 d.C.) permitiu que a

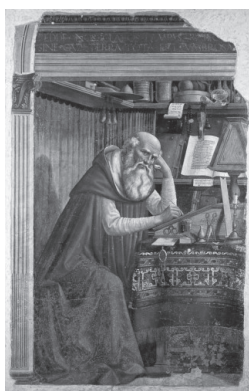


Figura 10: São Jerônimo

dogmática cristã se estabelecesse no ocidente, dando vigor ao estabelecimento do poder da Igreja. Em suas traduções, São Jerônimo menosprezava a tradução palavra-por-palavra (que ocultava o sentido do TF) para defender a chamada tradução ‘livre’ ou de ‘sentido-por-sentido’, priorizando o conteúdo do TF. Sendo assim, o **papel do tradutor** era o de interpretar os originais e complementá-los com outras informações. Esses pólos ditam, até hoje,

os debates mais acalorados e polêmicos nos estudos da tradução: “forma x conteúdo” e “literal x livre”.

Acompanhando as mudanças históricas e de pensamento, a tendência da tradução se modifica outra vez, durante o período renascentista (século XV), sendo elevada ao status de obra literária. Os tradutores eram vistos como autores do texto devido a sua habilidade de reproduzir os valores artísticos do TF, adaptando-os à língua de chegada. **Leonardo Bruni** (1420) é um dos representantes desse momento histórico. Humanista e historiador, Bruni é também conhecido como o ‘primeiro historiador moderno’, visão que se estendeu para sua concepção de tradução. Para ele, o conhecimento da cultura para a qual se estava traduzindo era prioritário, isto é, compreender o texto em seu contexto. Mais importante do que conhecer a gramática era conhecer a cultura da LF e conseguir transpô-la para a LC.

No século XVI, destacam-se nomes como **Juan Luis Vives** (1532), **Martinho Lutero** (1546) e **Etienne Dollet** (1540) precursores da tradutologia moderna. Vives valorizava o trabalho com a expressão e o sentido e foi o primeiro a falar a respeito de perdas no processo tradutório, no sentido de que era possível perder na eloquência, enquanto ganhava-se na compreensão do texto. Vives preocupava-se com a sintaxe da LF e da LC, não opondo sentido e a expressão em extremos e sim unindo os dois na tradução. Dessa maneira, valorizava o estilo e a questão cultural dos valores artísticos através de duas formas de trabalho: seguir o estilo da LF e criar o seu próprio estilo. Já Lutero defendia uma tradução retó-

Para informações mais detalhadas sobre a História da Tradução, veja as referências de Andréia Guerini, Walter Costa e Mauri Furlan nas sugestões de leitura ao final deste item. São Jerônimo foi o primeiro tradutor da Bíblia e é considerado o patrono dos tradutores. O dia internacional dos tradutores é celebrado em 30 de setembro e foi instituído em 1953 pela FIT – International Federation of Translators (Federação Internacional de Tradutores).

rica e de estilo popular sem fins estéticos, mas comunicativos, buscando a compreensibilidade do texto para o leitor e guardando a mensagem divina. Para ele, a verdadeira tradução é a adaptação do que foi dito numa língua estrangeira à sua própria língua, ou seja, o sentido-pelo-sentido. **Dollet**, por sua vez, pregava o conhecimento do assunto antes do conhecimento das línguas, ou seja, defendia que dominar o conteúdo auxiliava o tradutor a evitar uma escrita desconexa, pois conhecer a origem do texto e o seu conteúdo facilitavam a compreensão do autor e do contexto do texto original. São dele alguns princípios para o ‘bem traduzir de uma língua para outra’, como apresentados a seguir.

1. entender perfeitamente o sentido das palavras (sua carga semântica), bem como o assunto do TF, a fim de que TT ficasse mais claro e compreensível;
2. conhecer perfeitamente a LF e a LC a fim de recuperar expressões idiomáticas, propriedades da língua, suas sutilezas e particularidades. Sem esse conhecimento linguístico, o tradutor poderia correr o risco de deturpar a obra do autor e perder a riqueza do idioma;
3. evitar a forma palavra por palavra. A literalidade indicava pobreza de conhecimento, falta de criatividade, não expressava a beleza das línguas, além de poder incorrer num sentido errado daquele presente no TF. Segundo Dollet, para expressar a intenção real do autor, o tradutor poderia até mesmo inverter a ordem das palavras e estruturas das frases;
4. seguir a linguagem comum ao invés de usar neologismos; empregar um vocabulário mais acessível (porém não menos adequado). Empregar a eloquência grega como marca de originalidade significava arrogância e era também o último recurso para as línguas vulgares, sem cunho artístico, como era o caso do francês, alemão, italiano, espanhol e inglês;
5. observar a estrutura textual, a articulação das orações, a sintaxe para conferir suavidade, legibilidade, maior fluência ao texto além de preservar o seu sentido original. Para Etienne Dollet, era preferível perder um pouco com a falta de eloquência, bus-

Dollet teve um final trágico. Foi queimado vivo acusado de heresia por não acreditar na imortalidade da alma quando adicionou a uma tradução sua de Platão a frase “nothing at all” (nada) para descrever o que havia após a morte. A igreja desconsiderava traduções não literais. Fonte: as autoras.

Nesse sentido, Dollet aproxima-se de Bruni no sentido da recuperação do estilo, da manutenção da sensibilidade dos idiomas envolvidos no TF e TC. Seu trabalho descritivo para ser um bom tradutor se tornou um clássico da teoria da tradução.

cando um linguajar mais comum e acessível ao leitor, do que perder na estrutura das frases, caso contrário o texto poderia soar incompreensível.

Nos séculos seguintes, destacam-se **John Dryden** (1670) e Alexander **Fraser Tytler** (1790). Dryden introduziu a questão da recriação do texto (entendida como imitação) cujo processo teve um enorme impacto nas teorias e práticas subsequentes e reduziu a prática tradutória ao que chamou de ‘categorias’:

- 1) metáfase – palavra por palavra e linha por linha (tradução literal);
- 2) paráfrase – o autor é trazido à vista pelo tradutor, mas não é seguido à risca (tradução sentido por sentido) e,
- 3) imitação – abonada tanto a palavra como o sentido (tradução livre ou adaptação).

Já Alexander Tytler foi um opositor a Dryden. Tytler defendia a ideia de que uma boa tradução deveria transferir todo o mérito do TF para o TT, para que o leitor visse o texto como uma tradução de fato. Tytler ainda elencou o que chamou de *princípios tradutórios*, baseados em sua experiência como tradutor literário, tais como: 1) a tradução deve consistir na transcrição completa das ideias do texto original (lealdade ao conteúdo); 2) o estilo da tradução deve ser o mesmo do texto original (lealdade à forma) e 3) o texto traduzido deve possuir a mesma fluidez do texto original.

Por fim, já no século 19, uma figura importante é **Friedrich Schleiermacher** (1813).

Para esse teólogo, filósofo e pedagogo alemão, o tradutor estava acima do intérprete. A interpretação não tinha expressões novas, era muito prática, mecânica e literal, isto é, matéria para a diplomacia e os negócios. Já o tradutor tinha que ter conhecimento do autor, da língua, do seu espírito. Na sua perspectiva, a equivalência (a correspondência exata entre palavras) entre os textos era impossível justamente pelo fato de a tradução ser uma arte retórica. Schleiermacher aponta, ainda, o que, para ele, seriam razões para se traduzir:



Figura 11: Friedrich Schleiermacher

1. os diferentes dialetos de um povo;
2. pessoas com personalidades diferentes criando uma ‘interlíngua’;
3. os desenvolvimentos distintos de uma língua em diversos séculos;
4. os discursos em escalas sociais; e
5. a transposição de informações de uma língua estrangeira para a nossa.

Nesse sentido, Schleiermacher propõe seus dois famosos métodos de tradução:

1. levar o leitor para o autor. Defendido por Schleiermacher, esse era considerado o método ideal, uma vez que o leitor saberia estar diante de uma tradução. Esse método ficou conhecido, posteriormente, como ‘estrangeirização’ pelo fato de priorizar o TF e não permitir interferências textuais na tradução, como o uso de paráfrases.
2. levar o autor para o leitor, isto é, traduzir como se o texto já tivesse sido escrito na língua de chegada. Conhecido como ‘domesticação’ ou apagamento do texto original, esse método não admitia estrangeirismos na tradução. Schleiermacher era contra essa abordagem, visto que, segundo ele, acabava-se por denegrir o TF. Estes dois caminhos propostos por Schleiermacher, a exemplo das polêmicas entre forma-conteúdo e literal-livre, representam também, até hoje, outras duas discussões inerentes a toda teoria de tradução: domesticar o texto para que ele seja fluido o suficiente e compreensível, próximo do leitor, apagando vestígios da cultura-fonte ou estrangeirizar e provocar no leitor a sensação de estranheza, mantendo a diversidade cultural com o risco de o texto se tornar incompreensível ou de difícil entendimento.

Essas reflexões, embora bastante resumidas, pretendem apenas mostrar alguns caminhos trilhados pela prática tradutória, caminhos esses que não só sedimentaram como também acenderam as discussões que se seguiram. Os teóricos citados ajudam a demarcar alguns momentos importantes para a movimentação das teorias da tradução sempre

fundamentadas em mudanças sócio-históricas. Nesse sentido, esperamos que essas informações o ajude a fazer uma ‘ponte’ os percursos atuais para que você compreenda os pólos de discussão (ou dicotomias) ainda hoje existentes como, por exemplo, o longo debate a respeito de literalidade *versus* fidelidade.

Agora que você já conhece um pouco sobre os primeiros momentos históricos da tradução, vamos avançar para algumas discussões mais contemporâneas.

Leitura sugerida

LANZETTI, Rafael. **Quadro Histórico das Teorias de Tradução**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno03-14.html>. Último acesso em: Maio, 2007.

GUERINI, Andréia & FURLAN, Mauri. **História da Tradução**. Apostila elaborada para o primeiro ano do curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

FURLAN, Mauri. **Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente - II**. A Idade Média. Disponível em: www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos12/mauri.pdf. Último acesso em: Junho, 2007.

_____. **Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente - III**. Final da Idade Média e o Renascimento. Disponível em: www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos13/mauri.pdf. Último acesso em: Junho, 2007.

FURLAN, Mauri. **Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente - II**. A Idade Média. Disponível em: www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos12/mauri.pdf. Último acesso em: Junho, 2007.

_____. **Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente - III**. Final da Idade Média e o Renascimento. Disponível em: www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos13/mauri.pdf. Último acesso em: Junho, 2007.

2.3 Rumo a uma teoria – contemporânea – da tradução

A respeito dos autores que acabamos de conhecer, podemos dizer que as suas maiores contribuições para a disciplina foram as teorizações a respeito de um conceito de tradução e os chamados ‘métodos’ para se traduzir ‘adequadamente’. No entanto, muitos teóricos que se seguiram a esses autores concordam que o ponto principal das discussões sobre a tradução trazia critérios de julgamento imprecisos, vagos e subjetivos e também muito normativos. Reagindo a isso, a teoria da tradução, na metade do séc XX, faz várias tentativas para redefinir os conceitos de “literal” e “livre” em termos operacionais para, então, descrever o “significado” em termos científicos.

É importante ressaltar que as datas elencadas neste capítulo referem-se ao ano das respectivas publicações das teorias, sendo que algumas são datas aproximadas apenas para situar a sua leitura num tempo cronológico. Lembre-se de que este livro tem uma finalidade introdutória apenas e os nomes que apresentamos a seguir são apenas alguns dos muitos teóricos renomados da área dos estudos da tradução. Se você tiver interesse em pesquisas mais aprofundadas, sugerimos a *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (Enciclopedia de Estudos da Tradução) editada por Mona Baker, em 1998, atentando para o fato de ser uma publicação em língua inglesa.

Nos anos 50 e 60, os teóricos começam a dirigir análises mais sistemáticas da tradução, e o debate se desenvolve em torno de certas questões de ordem linguística, sendo a mais importante delas a questão da equivalência. Nos anos subsequentes, são muitas as tentativas de definir a sua natureza. Na sequência, destacamos alguns dos teóricos que trabalham nessa direção. Começamos com Jakobson.

Roman Jakobson (1959) - é um dos pensadores que deflagrou a relação entre a tradução e a teoria linguística, que prevê um tipo de prática tradutória que influenciaria reflexões sobre a dicotomia teoria e prática.

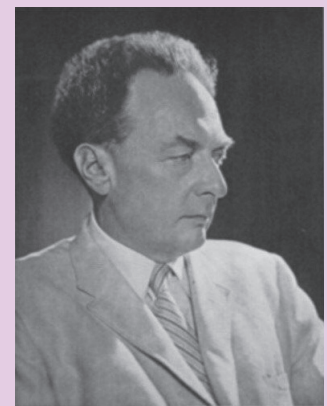


Figura 12: Roman Jakobson

No sentido mais corrente, língua é um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade. Linguagem é a capacidade específica à espécie humana de comunicar-se por meio de um sistema de signos vocais, ou língua, que coloca em jogo uma técnica corporal complexa e supõe a existência de uma função simbólica e de centro nervoso geneticamente especializados) Fonte: Dubois, Jean et alli. Dicionário de lingüística, Cultrix, 1973.

Essa relação dicotômica é um ponto central ao ensino da tradução, visto que está comprometida com a questão da língua enquanto objeto autônomo de estudo dentro da linguística, e não com a *linguagem*. Jakobson investiga questões de significado linguístico e equivalência e segue uma relação instaurada por Saussure sobre a questão *significado* e *significante*. Exemplificando essa relação, o queijo é o significante para um alimento feito a partir do leite (significado).

Jakobson estuda, também, a questão de equivalência de significados entre palavras em línguas diferentes. Ele nos diz que a equivalência ocorre ao nível da mensagem, entre os textos, e não de unidades do código linguístico separadamente, pois essas unidades são diferentes pelo fato de pertencerem a dois sistemas de signos (línguas) igualmente diferentes e que compreendem a realidade de modos distintos.

Ferdinand de Saussure (1916) – Saussure postula que os signos possuem uma relação arbitrária, isto é, não há entre eles uma relação intrínseca entre significante e significado; portanto, a linguagem pode ser considerada como resultado de um acordo social, de um pacto que estabelece códigos.

Segundo o autor, a língua é um conjunto de hábitos linguísticos que nos permite compreender os outros e ser compreendido por eles. Entretanto, a linguagem não pode ser tida como um objeto de estudo da linguística, pois não possui unidade interna e, portanto, não permite descrever os fatos da língua.

Dessa maneira, a tentativa da linguística tradicional é domesticar e aprisionar o fenômeno da tradução dentro de uma proposta que admite uma oposição perfeita entre significado e significante, equivalendo à possibilidade de uma tradução perfeita e absolutamente possível. Essa proposta é contrária a de Jakobson, que considera a impossibilidade da tradução devido à intervenção de características individuais nos textos que contrariam a perfeita oposição entre significado e significante determinada por Saussure. Por outro lado, essa noção de Saussure é possível no interior dos fatos da língua, o que torna possível a tradução entre duas línguas - operações entre entidades abstratas - e não entre “duas linguagens”.

Eugene Nida (1964) - desenvolveu a sua teoria partindo do seu próprio trabalho, nos anos 40, quando traduziu e organizou a tradução da Bíblia. Nida buscou fazer da tradução uma área de estudo mais científica, incorporando trabalhos recentes da linguística. Com uma abordagem bem mais sistemática, emprestou conceitos teóricos e terminologia tanto da semântica, quanto da pragmática e também dos trabalhos de Chomsky sobre a estrutura sintática que originou, posteriormente, a teoria da gramática gerativa transformacional. O ponto central do seu trabalho é o distanciamento de antigas ideias que consideravam a palavra como um significado fixo para, então, propor uma definição funcional dos significados, no qual a palavra 'adquire' uma significação através do seu contexto e, conseqüentemente, produz várias respostas de acordo com a cultura na qual é empregada. Durante algum tempo, Nida lecionou na Universidade da Califórnia em Los Angeles. Hoje está aposentado.

Peter Newmark (1981) - Para Newmark, a tradução é semântica e comunicativa. Logo, o sucesso do efeito de equivalência seria 'ilusório' e os conflitos de lealdades, assim como a lacuna entre o TF e a LC, estão sempre presentes como problemas prioritários na teoria e prática da tradução. Mesmo se aproximando de Nida, Newmark se distancia do princípio do efeito de equivalência, considerado como sendo inoperante se o texto estivesse fora do espaço-tempo da LC, como no exemplo de uma tradução moderna, em inglês britânico, de Homero. Segundo Newmark (apud Munday, 2002) não haveria meios de o tradutor reproduzir para o leitor-final, o mesmo efeito conseguido sobre os leitores na Grécia antiga. O autor faz, então, a seguinte distinção: a tradução semântica seria aquela que respeita todo um contexto que pode envolver, inclusive, a explicação (no TT) de metáforas empregadas no TF. Já a tradução literal tenderia para a equivalência lexical e sintática dentro do possível. Newmark ainda atua como professor na universidade de Surrey, em Guildford, Inglaterra.

Werner Koller (1972) - também analisou o termo 'equivalência' e a questão da correspondência. A correspondência está inserida no campo na linguística contrastiva no qual dois sistemas linguísticos são comparados e descritos, contrastivamente, em termos de suas diferenças e



Figura 14: Peter Newmark

semelhanças. Já a equivalência se refere a itens equivalentes em pares e contextos específicos de TF e TT. Para Koller, o conhecimento das correspondências é um sinal de competência do tradutor na língua estrangeira, enquanto que o conhecimento e as habilidades com equivalências evidenciaria a sua competência direta na tradução. Koller trabalha, atualmente, no Instituto para Germanística em Bergen, na Noruega. Mas, o que deve ser equivalente? Koller distingue cinco tipos:

3. Equivalência denotativa - relacionada ao contexto extralinguístico do texto;
4. Equivalência conotativa – referente às escolhas lexicais e também, entendida como equivalência estilística;
5. Equivalência texto-normativa – relativa ao comportamento de tipos de textos;
6. Equivalência pragmática – também chamada de normativa, voltada ao “receptor” do texto ou da mensagem e;
7. Equivalência formal – relacionada à forma e a estética do texto.

Vinay e Dalbernet (1977) identificam duas estratégias gerais de tradução:

1. *direta e oblíqua*
2. *literal e livre*

A tradução *direta* seria composta de 7 procedimentos: empréstimo, calque, tradução literal; transposição; modulação, equivalência e adaptação. Todos esses elementos, operando em níveis correspondentes aos elementos estruturais e principais do texto: léxico, estruturas sintáticas e mensagem. Os autores consideram a unidade de tradução como sendo uma combinação de “unidades lexicológicas” (palavra) e de “pensamento” (conteúdo) e sugerem cinco passos para o tradutor seguir durante o processo de tradução:

1. identificar as unidades de tradução;

Esses procedimentos são também conhecidos como estratégias tradutórias.

2. examinar o TF , analisando o conteúdo descritivo, afetivo e intelectual das unidades;
3. reconstruir o contexto metalinguístico da mensagem;
4. avaliar os seus efeitos estilísticos e
5. produzir e recriar o TT.

John Catford (1965) - é o primeiro a apresentar o termo **shift**. Catford compreende a língua como *comunicação*, operando, portanto, de modo funcional no contexto e numa variedade de diferentes níveis (fonologia, gramática e léxico) e estruturas (frase, oração, grupo, palavra). Catford faz, ainda, uma importante distinção entre *correspondência formal* e *equivalência textual*.

A *correspondência formal* baseia-se no sistema de um par de línguas. Já a *equivalência textual* pode ocorrer com qualquer texto ou com parte de um TT e é vista sempre a partir de um determinado ângulo e ocasião, ou seja, a *equivalência* está sempre amarrada a um par de TF e TT específicos. Portanto, quando esses dois conceitos divergem, ocorre o que Catford chama de *shift* na tradução, isto é, deslocamento originado a partir da correspondência formal no processo de transposição da LF para a LC. Catford afirma que a *equivalência* depende de características comunicativas tais como função, relevância, situação e cultura ao invés de simplesmente critérios linguísticos formais, o que significa que definir aquilo que é 'funcionalmente relevante' é uma 'questão de opinião'.

Resumo

Neste capítulo, estudamos o modelo descritivo de James S. Holmes sobre as áreas de atuação dos estudos tradutórios. Lembre-se de que a experiência de Holmes representou uma tentativa de refletir sobre as limitações impostas ao estudo da tradução pelo ato de ser, na época, uma área dispersa, ou seja, estudada em pequenos espaços inseridos em outras disciplinas e não de forma independente. O que Holmes faz é apontar essas possíveis áreas de atuação da tradução com caráter de pes-

Shift significa translação, movimento, transferência.
Fonte: elaborado pelas autoras.

quisas independentes. Na sequência, você conheceu 10 possíveis áreas de pesquisa em tradução que servem até hoje como ponto de orientação para os interessados em estudá-la de forma mais pontual. Conhecemos, também, um pouco da história dos primeiros registros considerados traduções. Esse percurso se iniciou com os targumin (traduções para o aramaico dos escritos sagrados e do cânone judaico) e o conduziu através do pensamento de nomes mais importantes que pensaram a tradução e ajudaram a fundamentar as reflexões contemporâneas como Cícero, Vives, Dryden, Bruni, Tytler, Schleiermacher, Etienne Dollet, Lutero. Nesse sentido, é importante que você se lembre que a tradução reflete, na visão de cada um dos autores mencionados, o período histórico de uma sociedade e uma concepção de linguagem em constante movimento não só evolutivo como também cíclico. Estudamos os primeiros textos escritos considerados traduções na história e também sobre alguns autores que tentamos organizar, de forma resumida, em uma cronologia histórica. Neste percurso, buscamos incluir alguns dos nomes mais importantes relacionados à tradução desde Cícero e Horácio, romanos e renascentistas até autores representantes do século XX tais como Nida, Catford, Jakobson, Vinay e Dalbernet entre outros autores. Através das reflexões e teorizações desses autores, conhecemos os movimentos mais significativos que deram origem a debates que permanecem até os dias atuais como questões a respeito do fato de a tradução dever ser “literal, livre e fiel” ou, “palavra por palavra” (literal) e “sentido por sentido” (livre), ou ainda, sobre o fato de deixar transparecer ou não ao leitor que o texto que está lendo é uma tradução. Para finalizar, aprendemos que a tradução é sempre o reflexo de um período histórico, de uma sociedade, de uma língua e, portanto, reflete uma concepção de linguagem, ou seja, mudando a maneira de se perceber a tradução, muda também a forma de se ver o mundo. Tanto que, entre as décadas de 50-60, as análises se tornaram mais sistemáticas e a tradução começou a ganhar o status de disciplina acadêmica.

Leitura sugerida

OTTONI, Paulo. **O papel da lingüística e a relação teoria e prática no ensino da tradução.** Disponível em: <http://www.unicamp>.

MARK, Shuttleworth; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies.** St Jerome Publishing, 1997.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: theories and application.** Routledge, NY, 2002.

LOGUS Multilingual Portal. Este site traz um curso interativo de introdução à tradução. Do seu original, em italiano, foi traduzido para diversas línguas. Disponível em: http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.corso_traduzione_en?lang=en -Último acesso em Maio, 2007.

BAKER, Mona. **Lingüística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução?** In: MARTINS, Márcia A.P. Tradução e Multidisciplinariedade. Editora Lucerna, Puc-Rio – Departamento de Letras, 1999.

FURLAN, Mauri. **A teoria de tradução de Lutero.** 2004. In: Annete Endruschat & Axel Schönberger (orgs.). Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea. (p. 11-21).Bonsulibus, se eticips enarit.Disponível em: http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores/MauriFurlan/Mauri_Furlan_-_A_Teoria_de_Traducao_de_Lutero.doc. Último acesso em: Maio, 2007.

3 Funcionalismo

Neste capítulo, vamos conhecer a perspectiva funcionalista, sua relação com os estudos da tradução, qual a tradução ideal, quais fatores devem ser levados em consideração na tradução.

3.1 A perspectiva funcionalista

Conforme já mencionamos, até meados da década de 60, as pesquisas sobre tradução estavam centradas em debates dualistas como “tradução fiel” x “tradução livre”, “palavra” x “forma” e em pesquisas sobre sintaxe e léxico. Como oposição às abordagens formalistas e à gramática gerativa, na qual predominava a transparência da forma e a relação entre constituintes da oração e frases, nasce o funcionalismo, como escola linguística, na década de 70, cujo auge é alcançado nos anos 80-90 na Alemanha.

O funcionalismo se propõe a abordar a tradução de uma maneira, como o próprio nome diz, funcional, isto é, comunicativa e significativa para o leitor em termos culturais, sociais e históricos.

Se você pensou em funções da linguagem para este campo, pensou certo, visto que elas desempenham um papel chave dentro das abordagens descritas como funcionalistas. Portanto, antes de prosseguirmos, vamos lembrá-las.

Cronologicamente, as funções da linguagem foram abordadas pelo antropólogo polonês Malinowski, em 1923, pelo linguista e psicólogo austríaco Karl Bühler, em 1934, por Roman Jakobson, em 1960 e por Halliday, nos anos 70. Bühler distinguiu três funções que coexistem no mesmo evento e que se apresentam hierarquizadas no enunciado.

A classificação de Bühler influenciou outros teóricos, como Jakobson que manteve a classificação original, atribuindo-lhe apenas novos nomes:

- referencial (contexto);
- emotiva (remetente) e
- conativa (destinatário), acrescentando outras três, a saber:
- fática (contato);
- metalinguística (código) e,
- poética (mensagem).

Cada uma dessas funções está diretamente ligada a um dos fatores que intervém na comunicação, no entanto, uma sempre se destaca das outras dependendo de sua finalidade. Reconhecê-las é um fator importante para entender como o texto escrito se articula.

Outro ponto que merece esclarecimento é o termo ‘funcionalismo’, visto que existem muitos modelos e ‘versões’ dessa vertente associados a outras áreas do conhecimento como a antropologia, etnografia, sociologia, jornalismo e ciências matemáticas, além de várias distinções dentro da própria linguística da qual Simon Dijk e Michael Halliday são exemplos. Porém, se retomarmos o que foi dito no início dessa unidade, podemos afirmar que o funcionalismo parte, de um modo geral, da função comunicativa que certas estruturas linguísticas exercem dentro de um determinado contexto e da análise das estruturas que cooperam para realizar esta função, caracterizando a intenção pragmática (concreta) do usuário da língua.

Pelo fato de se preocupar com situações comunicativas orais e concretas, uma das questões centrais para os funcionalistas é investigar como os usuários da língua se comunicavam com eficiência, ou seja, a linguagem é compreendida como um instrumento de interação social, cuja intenção maior é a de estabelecer uma comunicação entre os usuários da língua. Por essa razão, prevalecem os estudos da linguagem que privilegiam o seu contexto de uso.

As funções segundo Bühler são: *Darstellungsfunktion* (informativa); *Ausdrucksfunktion* (expressiva) e *Appellfunktion* (apelativa) – ver: Munday (2002:199).

O termo ‘função’, por sua vez, também é utilizado em diversas áreas do conhecimento, a exemplo de ‘funcionalismo’: pode ser uma grandeza

matemática ou representar a utilidade de um objeto ou ainda, o valor de um termo dentro da oração. Para a linguística, ‘função’ tem a ver com uma perspectiva sócio-cultural da língua, designando a relação entre uma forma e outra (função interna), entre a forma e o significado (função semântica) ou entre o sistema de forma e o contexto (função externa). Visto que o termo não compartilha dos mesmos critérios de definição e abrangência, dado o seu uso em áreas tão diversas do conhecimento, buscamos defini-lo aqui segundo a concepção das funções da linguagem que servem de parâmetro para o trabalho de Christiane Nord (1991) que será analisado no item 3.3.

3.2 Funcionalismo e Estudos da Tradução

O resgate dos termos ‘função’ e ‘funcionalismo’ nos permitem compreender melhor o seu uso no que diz respeito às pesquisas realizadas no âmbito da tradução, pois ao definir o seu percurso teórico fica mais fácil entender a maneira de abordar e compreender o texto com o qual você está trabalhando.

Surgido na Alemanha, o funcionalismo tem como princípio a tradução enquanto ação, interação comunicativa, ou seja, uma atividade que detém um propósito baseado em um texto de origem e destinado a um leitor final. A Alemanha do pós-guerra foi pioneira nos estudos relativos a teorias e prática de tradução, além de ter sido um dos primeiros países a institucionalizar o treinamento de tradutores. Nesse sentido, ocorre um rompimento com a formalidade dos estudos linguísticos predominantes nas décadas de 70 e 80 e se fortalece, conseqüentemente, a abordagem do texto a partir de uma perspectiva mais comunicativa, maleável e dependente do contexto. Alguns nomes representativos desta abordagem são: Katharina Reiss, Justa Holz-Mantari, Hans Vermeer e Christiane Nord.

Até meados da década de 70, a tradução ainda era uma atividade de mera transferência de códigos ao nível da palavra ou frase, baseada

nos princípios da busca da equivalência um-para-um, também chamada equivalência interlingual em que um signo corresponde exatamente ao outro em termos de significação. Com o tempo, as pesquisas passaram a exigir uma abordagem que considerasse o texto como um todo, voltando-se para os seus aspectos culturais externos. Nesse contexto, desenvolveram-se as teorias de Katherina Reiss e Hans Vermeer.

Tradutora experiente e influenciada ainda pelas noções de equivalência que perduraram durante boa parte da década de 70, Reiss (1971; 1977) desenvolve o que chama de ‘tipologia textual’ (ou situações comunicativas), unindo algumas funções e dimensões da linguagem. A autora sugere que a transmissão das funções predominantes do TF é o fator decisivo para julgar e avaliar a adequação do TT. Para isso, Reiss utiliza critérios de instrução intra e extralinguísticos, os quais são expandidos, posteriormente, por Christiane Nord. Tais critérios permitem ao tradutor avaliar o *significado* do TF o que lhe confere o poder de ‘interpretar’ o texto. A abordagem de Reiss (1977) considera três características importantes:

- a transmissão da função predominante do TF é o fator principal para julgar o TT;
- a importância dos critérios de instrução varia de acordo com a tipologia textual;
- o reconhecimento de que a função comunicativa do TT pode divergir daquela do TF e que o TT pode ser dirigido a um público diferente do que fora intencionado pelo autor; razão pela qual se faz necessário avaliar a funcionalidade do TT em relação ao contexto da tradução.

De acordo com essa perspectiva, a tradução ideal é aquela na qual o propósito, na língua de chegada (LC), é equivalente em relação ao conteúdo conceitual, a forma linguística e a função comunicativa do TF. Mesmo criticada por dar prioridade ao TF, o mérito de Reiss está em definir a importância do TT para além de estruturas linguísticas em condição de simples equivalência. Na perspectiva de Nord, além de limitar a prática tradutória, a equivalência linguística não pode mais ser considerada como critério de escolhas metodológicas, dentro da perspectiva funcionalista.

A ponte entre teoria e prática vem através de Hans Vermeer e do seu desejo em se afastar das teorias linguísticas. Seu posicionamento teórico é relatado em um trabalho de 1976: “A linguística por si só não irá nos ajudar. Primeiro, porque traduzir não é meramente - e nem primeiramente, um processo linguístico. E também porque a linguística ainda não formulou as perguntas certas para lidar com os nossos problemas. Vamos, então, procurar em outro lugar.

Vermeer considera a tradução como um tipo de transferência na qual signos comunicativos - verbais e não verbais - são transferidos de uma língua para outra, ou seja, Vermeer compreende a tradução como uma ação humana, em busca de comunicação efetiva. Essa ideia implica a existência de uma intenção, de um propósito nas situações comunicativas (traduções) verbalizadas ou não que, por sua vez, estão inseridas em um sistema cultural específico e que condiciona a sua avaliação como adequada ou não. Por essa razão, Vermeer utiliza a palavra grega - *Skopos* (*objetivo, propósito*) - para definir a sua ‘teoria da ação proposital’ que, em inglês, passou a chamar-se *skopostheory* e, em alemão, *Skopostheorie*. O propósito da tradução é o que determina os métodos e estratégias a serem empregados para se produzir um resultado funcionalmente adequado, isto é, que comunique sem descaracterizar os textos como original e tradução.

A *skopostheory* fundamentava-se, então, em dois pontos principais: 1) nos aspectos interacionais e pragmáticos da tradução que eram determinados pelo *skopos* (função) que se pretendia atingir no contexto alvo e 2), na figura do *addressee*, isto é, o receptor ou o público intencionado pelo autor no TF, juntamente com seus conhecimentos culturais, expectativas e necessidades comunicativas específicas. O conceito de *addressee* está presente também na teoria de Nord. Como resultado desse novo comportamento, a produção escrita, na perspectiva da *Skopostheory*, voltava-se para o TT em oposição a Reiss, para quem o TF era a medida de avaliação da qualidade da tradução.

3.3 A proposta de análise textual de Christiane Nord

Conforme você pôde observar e, apesar das tentativas de se abordar o texto como um todo, havia ainda algumas divergências teóricas que levavam texto-fonte e texto traduzido a continuar sendo vistos em pólos opostos. É justamente como um ponto de equilíbrio que surge a teoria de Christiane Nord.



Figura 15: Christiane Nord

Utilizando o conceito de tipologia textual (Reiss) e o skopos (Vermeer) e a figura do addressee, Nord compreende a tradução como um processo conjunto e constante de leitura tanto do TF como do TT, incluindo os seus aspectos externos e internos e também a função de ambos.

Nesse sentido, Nord (1997a, p.1) define o funcionalismo como um meio de focalizar a função (ou funções) dos textos e das traduções lembrando que esses estão inseridos em contextos culturais distintos e que, portanto, envolvem leitores e códigos linguísticos igualmente distintos.

Você deve estar se perguntando se essa visão da língua enquanto código não é muito restrita ao se falar de tradução. Bem, nós utilizamos a palavra ‘código’ no sentido de símbolos – verbais ou não - empregados no ato comunicativo, ou seja, não existe aqui nenhum vínculo com teorias linguísticas que compreendem a língua como um código estático, abstraindo a sua história e evolução. Nord acredita que as situações que determinam ‘o que’ e ‘como’ as pessoas se comunicam podem ser modificadas à medida que a comunicação ocorre e outras variáveis comunicativas são colocadas em prática.

Lembre-se que as situações comunicativas não são institucionalizadas ou mesmo padronizadas, mas ocorrem inseridas em ambientes culturais que as estabelecem e condicionam. Nesse sentido, a ‘função’, de acordo com a perspectiva de Nord (1997a, p.9), repre-

senta é determinada por essa situação comunicativa ou pelo contexto. Em outras palavras, é o contexto ou a situação em que os usuários da língua se encontram, que define a função do texto - traduzido ou não - além das estratégias utilizadas para a sua produção.

Por essa razão, compreendemos a teoria de Nord como um ponto de equilíbrio, visto que devemos, primeiramente, analisar e definir a função do TF para os leitores da LF, para só então voltarmos a nossa atenção para a função que esse texto deverá exercer para os leitores da LC. Isso significa que a função que o TF exerce em relação aos leitores da LF pode não ser a mesma que a sua respectiva tradução deverá exercer para os leitores da LC pelo simples fato de que estão em jogo contextos culturais, códigos linguísticos e receptores diferentes.

Em outras palavras, a função textual pode ser observada a partir de duas perspectivas:

1. o contexto de produção do TF
2. o contexto de recepção do TT.

Isso porque situação de produção de um nem sempre é a mesma situação de recepção do outro, considerando-se, ainda, que pode haver um distanciamento espacial e temporal entre essas situações.

Ao analisar o TF, o tradutor precisa reconstruir as reações dos leitores na língua-fonte e, então, deduzir a intenção do autor. Só então é possível compreender o contexto sócio-cultural de recepção e definir quais estratégias utilizar durante o processo tradutório. A tradução ganha, dessa forma, uma dimensão histórico-cultural, representada através de três características básicas propostas por Christiane Nord (1991):

- A tradução é uma *ação*, ou seja, é uma situação comunicativa que está inserida num contexto de situação real e autêntico;
- Todo texto, traduzido ou não, tem uma *função*;

- Essa função só é concretizada no momento da recepção (da leitura) do texto por parte do destinatário, o que faz com que os textos tenham sempre um caráter *prospectivo*, isto é, os textos são sempre produzidos pensando-se no *leitor final*.

Isso é fácil de perceber se você pensar no propósito deste livro. A sua função é basicamente informativa, referencial e ele foi desenvolvido pensando em você, aluno-leitor, que é, ao mesmo tempo, professor e aluno, mas não necessariamente tradutor. É isso o que chamamos de 'leitor em prospecção'; esta é uma condição que devemos sempre ter em mente quando escrevemos um texto – Quem é o meu leitor? Qual a função da produção textual?

É a partir dessa perspectiva que Nord define a tradução como sendo a produção de um texto alvo que é funcional, ou seja, comunicativo e que detém um propósito, apesar das barreiras linguísticas e culturais. Você se lembra das funções da linguagem que vimos anteriormente neste mesmo capítulo? Nord reconhece cinco funções que fundamentam sua reflexão:

- Função zero – o emissor escreve sem o propósito aparente de que o texto seja lido por outros receptores. A escrita serve como um desabafo ou uma forma de organizar as ideias.
- Função referencial – (objetiva) – não permite considerações pessoais e faz referência a objetos e fenômenos do mundo. Sub-funções: informativa, metalinguística, metatextual, diretiva, didática, etc.
- Função expressiva (subjativa) – o emissor expõe suas impressões, atitudes e sentimentos em relação a coisas e fenômenos do mundo. Sub-funções: avaliativa, emotiva, irônica, etc.
- Função apelativa – convida o receptor a agir, pensar e refletir de acordo com propósitos do autor, apela diretamente à sensibilidade ou experiências prévias do receptor. Sub-funções: ilustrativa, persuasiva, imperativa, pedagógica, propagandística, etc.

- Função fática – estabelece, mantém, finaliza o contato social entre Emissor e receptor. Sub-funções: pequenas conversas, expressões de despedida, estórias introdutórias em uma reportagem, etc.

Com a teoria proposta por Nord, os estudos da tradução ganham uma nova perspectiva mais maleável, instigante e aberta: tradução como comunicação intercultural.

Resumo

Nesse capítulo, aprendemos sobre a teoria funcionalista alemã surgida nas décadas de 70-80. Lembre-se que o funcionalismo se coloca como uma oposição às antigas teorias linguísticas formalistas, abordando o ato comunicativo a partir de uma perspectiva sócio-cultural. Nesse cenário, destacam-se três importantes pesquisadores: Katharina Reiss que se voltava ao TF, Hans Vermeer, aluno de Reiss e que se voltava ao TT. E, filtrando conceitos de ambos, Christiane Nord, que estabelece um modelo voltado à análise do TF (text analysis) para então pensar a tradução. Nesse processo, a tradução é pensada por Nord com vistas a um leitor em prospecção, ou seja, o texto (seja ele traduzido ou não) é elaborado pensando-se no leitor que é previsto no final do processo e também, nos seus conhecimentos, expectativas e contexto cultural. Como vimos, o tradutor deve ser não só bilíngue como também bicultural de modo a re-estruturar o contexto de produção do TF para então estruturar o contexto de recepção do TT. Portanto, se o texto original possui uma função específica, essa pode ou não ser a mesma na tradução obtida.

Leitura sugerida

MARK, Shuttleworth; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. St Jerome Publishing, 1997.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: theories and application**. Routledge, NY, 2002.

LOGUS Multilingual Portal. Este site traz um curso interativo de introdução à tradução. Do seu original, em italiano, foi traduzido para diver-

sas línguas. Disponível em: http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.corso_traduzione_en?lang=en -Último acesso em Maio, 2007.

BAKER, Mona. **Lingüística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução?** In: MARTINS, Márcia A.P. Tradução e Multidisciplinariedade. Editora Lucerna, Puc-Rio – Departamento de Letras, 1999.

FURLAN, Mauri. **A teoria de tradução de Lutero.** 2004. In: Annete Endruschat & Axel Schönberger (orgs.). Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea. (p. 11-21). Disponível em: http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores/MauriFurlan/Mauri_Furlan_-_A_Teoria_de_Traducao_de_Lutero.doc. Último acesso em: Maio, 2007.

OTTONI, Paulo. **O papel da lingüística e a relação teoria e prática no ensino da tradução.** Disponível em: <http://www.unicamp.br/~ottonix/OPAPELDALINGSTICAEARELAOTEORIAEPRTICANOENSINODATRADUO.htm>. Último acesso em Maio, 2007.

Unidade C

Problematização da prática tradutória



4 A tradução e suas abordagens

Neste capítulo, vamos abordar os estudos da tradução na esfera acadêmica e estudar a tradução como processo e também como produto.

4.1 A tradução vista como processo

Na literatura sobre tradução, encontramos muitas discussões e oposições intimamente relacionadas. O fato de os estudos da tradução terem adquirido ares de disciplina acadêmica foi responsável pela definição de normas, avaliações, abordagens teóricas e metodológicas próprias. Consequentemente, a problematização do fenômeno da tradução também gerou discussões e reflexões sobre as maneiras de se pensar a tradução como, por exemplo, a sua abordagem enquanto processo e/ou enquanto produto. São esses os dois aspectos principais que vamos abordar a seguir.

Conforme você pode observar, através dos autores que mencionamos até aqui, são grandes as discussões acerca de a tradução ser abordada como produto ou como processo. Este último, o processo, começou a ganhar mais visibilidade na década de 80, estruturando-se como uma nova fase nessa disciplina. A defesa da prática tradutória enquanto processo possibilitaria chegar à compreensão da tradução enquanto um fenômeno passível de investigação científica, conforme Königs, 1990. Segundo Lörscher (1992:426), essa abordagem poderia contribuir para uma virada processual visto que, até então, a teoria da tradução se preocupava apenas com dois fenômenos: a tradução como produto e a competência tradutória. Pouca atenção era dada ao processo, isto é, ao desempenho e ao papel dos tradutores ou às condições nas quais realizavam a sua tarefa.

Como percebemos, a atenção dos pesquisadores voltou-se à análise de fatores cognitivos tais como a memória, categorização, tomada de decisões, estratégias empregadas para a resolução de problemas, instruções de tradução (público-alvo, função do texto), características sócio-culturais; informações estas registradas pelos próprios tradutores du-

rante o seu trabalho. Essas ações permitiram investigar o trabalho de tradutores profissionais e aprendizes, sugerindo que a tradução não se limita a um processo passivo de reconhecimento e reprodução de um TF, visto que o tradutor se posiciona frente a esse processo de comunicação intercultural. A tradução é a reprodução das práticas do outro ou a sua incorporação dentro de um conjunto de práticas próprias do tradutor que não é somente bilíngue como também bicultural. Assim, é possível investigar o desempenho dos tradutores, os aspectos socioculturais e a identificação de características relativas à prática profissional como processos de tomada de decisão.

Além desse mapeamento cognitivo, a tradução vista como processo permite discutir questões relativas à equivalência textual e que dizem respeito a uma série de dicotomias existentes na disciplina, tais como: “literal” ou “livre”; “fiel” ou “dinâmica”, “forma” ou “conteúdo”; “palavra” ou “sentido”. No entanto e, apesar de todas as discussões geradas, a equivalência, seja no âmbito da palavra ou do sentido, é ainda um fator muito valorizado como medida de avaliação da qualidade de um texto e, principalmente, no que se refere às visões mais tradicionais sobre tradução. Nesse sentido, o trabalho do tradutor é considerado como sendo de sucesso se conseguir alcançar a equivalência em um desses dois níveis, palavra ou sentido.

Uma das formas mais utilizadas para o registro do processo da tradução é a técnica dos protocolos verbais conforme mencionamos na unidade anterior. Essa técnica prevê que o tradutor registre, em gravação, os procedimentos que utiliza durante a tradução a fim de que o pesquisador tenha acesso a todos os seus detalhes. Entretanto, ainda que interessante e funcional do ponto de vista investigativo, não há garantias de que o tradutor relate todas as estratégias empregadas em seu trabalho e em todos os momentos nos quais apareceram problemas que exigiram algum tipo de solução.

Existem, ainda, algumas abordagens que estudam a tradução como processo em termos de atividade comunicativa na qual os papéis sociais específicos, trazidos à tona pelo tradutor e pelo autor do texto, são derivados de dois universos culturais distintos.

Lembre-se que o texto, quando traduzido, pode não ter, para o público-alvo, a mesma função que o autor almejava para o público leitor da língua-fonte, conforme você estudou no item sobre funcionalismo e tradução. Dessa maneira, o processo da tradução deve ser considerado como um sistema complexo no qual compreensão, processamento e projeção do texto traduzido são frações interdependentes de uma mesma estrutura.

4.2 A tradução vista como produto

Nesse tipo de abordagem, o tradutor continua sendo o agente do processo, mas o enfoque recai sobre o TT, visto como produto. É também possível fazer levantamentos de problemas existentes e estratégias utilizadas pelo sujeito para solução dos mesmos por meio da revisão da tradução, quando o aprendiz de tradução tem um produto do processo, isto é, um texto que está sujeito a modificações. É possível, também, estudar os deslocamentos de funções do tradutor-aprendiz no ato tradutório. Ao se investigar a complexidade das decisões tomadas pelo tradutor, a tradução prevê única e exclusivamente a análise do *TT*.

Volte ao capítulo 3 e reveja as teorias funcionalistas. Uma autora pode exemplificar muito bem a questão da tradução como produto: Katharina Reiss. Para ela, o tradutor e o próprio pesquisador deveriam voltar o seu olhar exclusivamente para o TT, o qual é a medida de avaliação da qualidade da tradução e da própria prática do tradutor.

Um trabalho que vale a pena mencionar, e que é apresentado junto aos anexos desse livro, foi realizado pelo prof. Dr. Werner Heidermann, da Universidade Federal de Santa Catarina, para os Cadernos de Tradução (nº5, 2000-1:163-182). Heidermann apresenta traduções para o alemão, inglês, francês e espanhol a partir de um mesmo texto em língua portuguesa, cujo tema é a festa da tainha em Florianópolis. O fator de interesse nesse tipo de trabalho é verificar possíveis semelhanças e divergências entre as traduções, ou seja, o modo como cada uma retrata o tema da festa da tainha. Nesse sentido, a atenção do pesquisador se volta para as estratégias empregadas pelos tradutores, como por exemplo, omissões e explicitações utilizadas em função das restrições impostas pela estrutura das línguas e também, em função dos limites culturais. Nesse caso, o TF serve apenas como referência ou medida, para que se possa delimitar o quão próximo ou distante está o texto traduzido.

Resumo

A tradução vista como processo e como produto gera muitas discussões acerca de abordagens, formas de avaliação, estratégias e reflexões acerca da prática tradutória. Enquanto processo, os interesses voltam-se ao estudo de processos cognitivos, ao uso de protocolos verbais na tentativa de se descobrir o que acontece na mente do tradutor ao longo do processo e como são levadas a cabo as decisões sobre estratégias tradutórias e culturais empregadas na realização do trabalho. Enquanto produto, prevalece o interesse voltado ao TT na busca por semelhanças e/ou diferenças entre várias traduções de um mesmo TF.

Leitura sugerida

HEIDERMAN, Werner. **Tradução sem Fio: da “Festa da Tainha” a “Festa do Mujen”**. In: Cadernos de Tradução, nº 5, NUT – Núcleo de tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

Unidade D

Percursos da tradução



5 Contextualizando a tradução

Neste capítulo, vamos entender o contexto no qual a tradução se desenvolveu levando em consideração sua evolução histórica a partir dos anos 90 e também compreender algumas mudanças importantes da área de acordo com os acontecimentos históricos, como a globalização. Vamos também conhecer o trabalho de importantes teóricos da área.

5.1 A virada dos anos 90

Segundo uma das mais importantes autoras e teóricas de tradução, Mary Snell-Hornby (1989), catedrática da Universidade de Viena, Áustria, os anos 90 sinalizaram mudanças importantes nos estudos da tradução com referência a conteúdos e métodos de pesquisa. A professora Snell-Hornby conta-nos um pouco sobre sua trajetória profissional, iniciada nos anos sessenta. Nessa época, como leitora da Universidade de Munique, Alemanha, pôde observar que a tradução era vista como sendo, unicamente, um fato de língua, sem fundamentação científica ou orientação teórica. Paralelamente, teve oportunidade de fazer traduções que lhe eram encomendadas (textos para conferências, comentários de filmes que integrariam festivais de cinema...) e logo se deu conta que o mundo voltado à tradução dentro da universidade e a realidade profissional ligada à tradução fora dela significavam duas realidades muito diferentes.

Em um momento seguinte, Snell-Hornby atuou em institutos de formação para tradutores, em Heidelberg, Alemanha, e Innsbruck, Áustria, bem como trabalhou com tradução literária em Göttingen, Alemanha, onde a ideia da heterogeneidade dessa área de trabalho se confirmou. A realidade de que se precisaria de uma teoria integrada de tradução de modo a abordar todas essas diferentes perspectivas e contemplá-las com eficiência, apresentava-se como tarefa bastante difícil. As teorias, ainda incipientes que se apresentavam, tinham caráter restritivo, eram pouco abrangentes.

Até meados do século XX, a tradução ocupava-se quase que exclusivamente com obras da antiguidade, com a tradução da Bíblia e com obras monumentais, como os dramas de Shakespeare, por exemplo. A tradução era, portanto, assunto para a filosofia, teologia ou para os estudos literários. Com a Segunda Guerra Mundial, esse quadro sofreu mudanças, principalmente, com a empolgação advinda com o surgimento da tradução automática, feita com o auxílio de máquinas. Passou-se a pensar em rigor científico dentro da tradução, não só no que se refere à tradução automática, mas também com relação à tradução da Bíblia e traduções técnicas e de linguagem usual, segundo, principalmente, o legado da Escola de Leipzig (Alemanha, na época ainda Alemanha Oriental). Assim, surgiu na Europa, principalmente na Alemanha, o estudo da tradução de perfil moderno, voltado para a linguística, ou seja, integrando a Linguística Aplicada e seguindo parâmetros de rigidez da linguística em si.

Dessa perspectiva, parece ter havido duas viradas na disciplina:

- A primeira foi metódica e resultante da necessidade de mais estudos empíricos, tanto na tradução como na interpretação.
- A segunda, como vimos, foi ousada e de fora para dentro, ou seja, através do desenvolvimento tecnológico e do processo de globalização que modificaram radicalmente o perfil empregatício dos tradutores e intérpretes. Desta época, registram-se estudos sobre terminologia, por exemplo, e trabalhos de tradução com o auxílio do computador, o que vem se tornando um campo bem mais específico, para além dos domínios das pesquisas “comuns” ou da tradução literária.

Depois de décadas de teorizações e filosofias, a chamada para pesquisas e investigações mais empíricas foi um acontecimento chave o que, segundo Snell-Hornby (1989), ajudou a mudar o perfil da disciplina com investigações sobre a estrutura do processo de tradução. A questão dos processos mentais, subjacentes à tradução, impulsionou a curiosidade e os debates na Europa no sentido de descobrir como os tradutores definiam suas estratégias decisórias e textuais. É nessa época que surgem técnicas chamadas de “protocolos verbais” para tentar registrar, em detalhes, todo o processo tradutório. Os resultados desses estu-

Se tiver alguma dúvida, reveja o capítulo 2 deste material.

dos demonstram que os tradutores ativam o seu conhecimento geral e a sua experiência pessoal, linguística e cultural, focalizando o sentido do texto. Eles aplicam estratégias conscientes e critérios teóricos e tem mais autoconfiança e curiosidade além de um grande censo de responsabilidade para com a realização do seu trabalho.

Outro tipo de pesquisa empírica voltou-se aos métodos da linguística de *corpus*, demonstrados nas décadas de 70-80, com projetos usando *corpora* computadorizados em larga escala. O propósito dos *corpora*, a parte das informações fornecidas ao tradutor por textos paralelos, era o de oferecer informações extensivas para trabalhos descritivos na área.

Ainda segundo Hornby (1989), a *virada da globalização* marcou os estudos da tradução de forma contundente. O fenômeno da linguagem, como meio de expressão de comunidades culturais individuais, aponta para uma noção construtiva de identidade cultural, indicando uma autoconsciência marcada por características bem distintas. O ponto interessante é investigar como esses desenvolvimentos culturais são percebidos e como afetam o estudo da tradução, no sentido de que oferecem novos materiais para o trabalho do tradutor, tais como: materiais de telecomunicações, novos tipos de textos multimídia como os recursos audiovisuais.

Outro ponto que, segundo Snell-Hornby (1989), também marcou uma virada para os estudos da tradução foi a propaganda, uma característica da vida moderna e dos países capitalistas. Com a globalização e os mercados internacionais, a propaganda tem se tornado uma questão importante na tradução, pelo fato de abordar interesses específicos relacionados à cultura, religião, questões éticas e legais. Nesse sentido, é possível mencionar algumas estratégias de tradução, a saber:

1. ausência de mudanças gráficas e textuais;
2. manutenção do logo, *slogan* e estereótipos da cultura com as devidas adaptações para a cultura-alvo;
3. tradução direta;
4. adaptação; e
5. revisão, segundo a autora.

O termo virada da globalização aplica-se não somente à tecnologia e ao comércio, mas também à comunicação e à linguagem, ao discurso internacional e à própria tradução.

Desse modo, os anos 90 consolidam um novo momento dessa disciplina, isto é, os estudos da tradução saem do dogmático, da centralização para uma posição mais relativa e frutífera entre a pluralidade de línguas e de culturas num contexto cuja necessidade é a sustentação de diálogos internacionais e interculturais.

Os Estudos da Tradução passam a abrir novas perspectivas também a partir de outras disciplinas não diretamente relacionadas ao estudo da linguagem e cultura, mas com a comunicação através de culturas diversas. Seu principal objetivo é, pois, construtivo, visto que, ao 'estabelecer um diálogo' entre culturas, tem-se a necessidade de treinar melhores profissionais, intérpretes bilíngues e biculturais, a exemplo do que Christiane Nord já havia mencionado em seu livro intitulado *Text Analysis* sobre o papel do tradutor e, de possibilitar especializações nas áreas de interesse da tradução.

Como o processo de integração e de unidade política envolve adaptação, harmonização e padronização, a influência concreta e o impacto dos estudos tradutórios devem ser mais claramente percebidos nas discussões acadêmicas e no mundo como um todo. É nesse sentido que, também nos anos 90, desenvolve-se uma área que tem atraído, cada vez mais, o olhar de pesquisadores e teóricos da área – tradução e análise do discurso. que vamos estudar a seguir.

SNELL-HORBY, Mary. **Eine integrierte Übersetzungstheorie für die Praxis des Übersetzens.** (p. 15-51) In: Königs, Frank G. (Org.): *Übersetzungswissenschaft und Fremdsprachenunterricht: Neue Beiträge zu einem alten Thema.* Instituto Goethe München. 1989, München, Alemanha.

_____. (Hrsg./Org.). **Übersetzungswissenschaft: Eine Neuorientierung.** 2ªed. Francke Verlag, Tübingen u. Basel, 1994.

5.2 A análise do discurso e a tradução

A área da análise do discurso (AD) vem, gradativamente, atraindo o olhar dos pesquisadores para as interfaces de trabalho favorecidas por ela. E, nesse cenário, a tradução não poderia ficar de fora por duas razões:

1. porque traduzimos muito mais do que frases e palavras segundo Adail Sobral (2008, p.57). Traduzimos discursos, no sentido de que a palavra não existe no vazio, ela somente existe e significa dentro de um contexto específico; e
2. porque justamente pelo fato de adquirir significados em contextos particulares, a palavra é sempre carregada de intencionalidade, propósitos e relações simbólicas que podem ser subjugadas ou ideologizadas segundo propósitos de relações de poder.

O campo da AD estuda, de um modo geral, o modo como a língua é utilizada e as relações sociais e de poder que se estabelecem a partir dela. Aqui entram os trabalhos de Halliday (1978-1994), Julianne House (1997), Mona Baker (1992), Hatim e Mason (1990-1997), nomes mais relevantes nesta área, considerando dimensões semióticas e pragmáticas da tradução. Halliday associa escolhas linguísticas num nível micro com as funções comunicativas do texto e os significados sócio culturais que existem por detrás dele. House compara pares de TF e TT em variáveis situacionais, de gêneros, funções e linguagem, de modo a identificar o método de tradução empregado e os 'erros' de tradução. Já Baker e Hatim e Mason trabalham com ideias de pragmática e sociolinguística que são relevantes para a tradução em si e para a análise de tradução. Baker enfatiza, ainda, estruturas temáticas e de coesão do texto, enquanto Hatim e Mason consideram o modo como as relações sociais e de poder são negociadas e comunicadas na e através da tradução.

A seguir, você encontra, resumidamente, alguns autores que também utilizam abordagens discursivas para a pesquisa em tradução, bem como suas reflexões e teorias.



Figura 16: Mona Baker

Lembramos que as datas apontadas junto aos autores não têm uma função cronológica, mas tão somente localizam os mesmos temporalmente para que você, aluno-leitor, também possa se situar temporalmente.

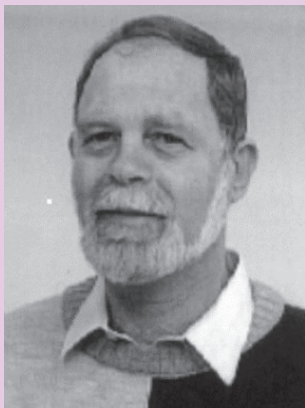


Figura 17: Gideon Toury

Gideon Toury (1995) - desenvolve uma metodologia para os estudos descritivos da tradução como um meio não prescritivo de se entender as normas no processo de tradução e de descobrir as suas leis gerais. Toury enfatizou o desenvolvimento de uma *teoria geral* da tradução, pois para ele as traduções ocupam uma posição nos sistemas literário e social das culturas alvo que determina as estratégias de tradução a serem empregadas.

Sua proposta é a de uma *metodologia trifásica* para os estudos descritivos, incorporando a descrição do produto e um amplo papel do sistema sócio-cultural:

1. situar o texto dentro do sistema da cultura-alvo, buscando sua significância e aceitabilidade;
2. comparar o TF e o TT buscando os deslocamentos, identificando relações entre pares de segmentos de ambos e observando generalizações sobre o conceito de tradução subjacente; e
3. apontar implicações para a tomada de decisões para realizar futuras traduções. Toury justifica a análise do produto da tradução como um meio para se identificar o processo de tomada de decisões do tradutor, fundamentado nas normas que operam em diferentes estágios da tradução.

Susan Bassnett (1991) e **André Lefevere** (1992) - ambos vêm a tradução como re-escritura, e a motivação para esse

trabalho pode ser tanto ideológica quanto poetológica. Lefevere trabalha, especificamente, com literatura comparada e estuda fatores que governam a recepção, aceitação ou rejeição de textos literários. Para ele, a comunicação mais importante é a ideologia seja do tradutor, diretamente, ou do círculo de clientes e de suas instruções.

Gayatri Spivak (1990) – suas pesquisas estão voltadas ao pós-colonialismo e o seu trabalho é um indicativo de como os estudos culturais, principalmente os do pós-colonialismo, têm focalizando questões de tradução, transnacionalização e colonização na última década.

O *link* tradução-colonização é sustentado através do argumento de que a tradução tem tido um papel ativo no processo de colonização e na disseminação de uma imagem, ideologicamente motivada, de pessoas colonizadas. Spivak é crítica e teórica indiana.

Lawrence Venuti (1992) – assume uma agenda política e cultural na tradução. Para o autor norte-americano, nascido na Filadelfia, o escopo da tradução precisa ser ampliado de modo a considerar a natureza dos seus valores sócio-culturais. Propõe, então, o termo invisibilidade para descrever a situação e a atividade do tradutor na cultura anglo-americana contemporânea. A invisibilidade se refere ao modo como os tradutores lidam com textos em inglês. Eles optam por uma tradução fluente para produzir um TT que seja legível, criando, assim, a ‘ilusão da transparência’. A tradução é vista como derivativa e de importância e qualidade secundárias.

Venuti propõe, então, dois tipos de estratégias de tradução: estrangeirização e domesticação, relacionadas com a escolha do texto para traduzir e com o método da tradução. Se você lembrou de Schleiermacher, pensou certo, pois as estratégias propostas por Venuti têm a influência deste autor alemão. Venuti é professor de inglês na Temple University na Filadelfia, Pensilvania.

Antoine Berman (2000) – lastima a tendência geral de se negar o estrangeiro na tradução. Para Berman, tradutor, historiador e teórico da tradução, o correto seria importar o estrangeiro para a cultura alvo através da estratégia de “naturalização”, semelhante à “domesticação” proposta por Venuti. Isto porque o objetivo ético do ato tradutório seria, segundo Berman, receber o estrangeiro como estrangeiro. O autor considera, entretanto, que existe um sistema de deformação textual nos TTs, o qual impede que o estrangeiro apareça. Nesse sentido, Berman compreende o tradutor como exposto a certas forças etnocêntricas, as quais determinam



Figura 18: Gayatri Spivak

Volte ao Capítulo 2 e reveja o subcapítulo 2.2. “Um pouco de história”

o seu “desejo de traduzir” bem como a forma que será conferida ao TT. Os interesses desse autor centram-se na tradução de ficção e na tradução literária, esta última por ligar ideias filosóficas a estratégias de tradução.

George Steiner (2000) – Steiner é o autor de *After Babel*. Considerado um marco na disciplina, a obra de Steiner é tida como a primeira investigação sistemática da teoria e dos processos de tradução desde século XVIII. Seu foco inicial é o funcionamento psicológico e intelectual da mente do tradutor, além da discussão relativa ao processo de significação e compreensão subjacentes ao processo de tradução. O autor descreve a hermenêutica de tradução, em sua obra, como um traço de elicitação e transferência apropriada de significados baseado no conceito de tradução não como ciência, mas como ‘arte exata’. Steiner nasceu na França é crítico literário e professor nas universidades de Cambridge e Genebra, além de ensaísta, filósofo, romancista, tradutor e educador.

Interpretação do sentido das palavras - Interpretação dos textos sagrados.

Walter Benjamin (1989) – é central em seu trabalho a noção de que uma tradução não existe para dar ao leitor uma compreensão do ‘significado’ ou do conteúdo informacional do TF. A tradução existe separadamente, tendo emergido de uma pós-vida, apesar de existir em conjunto ao TF, mas, ao mesmo tempo, conferindo ao original uma ‘vida continuada’. Essa recriação é o que dá sobrevivência e sustentação ao TF. Para Benjamin, a boa tradução expressa sempre uma relação central e recíproca entre as línguas; revela relações herdadas que estão presentes e que se manteriam escondidas sem a tradução, que contribui para o crescimento de sua própria língua (pela aparência do novo texto na língua-alvo) e possui o objetivo de “uma língua pura e maior”, objetivo central do autor.

Para ele, essa língua pura é revelada na coexistência e complementação da tradução com o seu original; o caminho para essa língua pura é através de um TF e de suas várias traduções. Para conseguir isso, a estratégia é fazer uma tradução transparente, não encobrir o texto original, permitindo, então, que a língua pura aconteça, isto é, a língua-alvo é afetada pela língua estrangeira, pela literalidade da sintaxe. Como resultado, tem-se uma tradução tida como ideal ou interlinear, ou seja, a língua alvo coexistindo com a língua estrangeira. Tradução é um movimento de transposição – almeja a língua pura.

Para Benjamin, traduzir não é comunicar, visto que a tradução é uma transmissão inexata de um conteúdo sem essência. A tradução é uma forma, só o sentido é o mesmo. A afinidade entre as línguas não está só na semelhança sintática, mas na relação entre todas elas. Benjamin se aproxima de Venuti (estrangeirização) e Schleiermacher (leitor para o autor). Benjamin foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão.

Jacques Derrida (2001) – a questão da diferença cultural no trabalho de Derrida se dá da seguinte maneira: o tradutor experiencia a língua estrangeira diferentemente da sua língua materna e, cada par de línguas – fonte e alvo - difere e impõe suas diferenças na tradução e para a sociedade.

Para ele, uma tradução relevante se baseia numa suposta estabilidade de relação entre significado e significante e objetiva uma transparência total que poderia ser chamada de domesticação nas terminologias modernas sobre tradução; entretanto, essa domesticação não pode ser fluente. Derrida questiona a base da linguagem da tradução, rejeitando as teorias de significado e de tradução baseadas na ‘unidade e identidade da linguagem’.

Derrida cunhou o termo logocentrismo (centralidade da palavra, o logos) para criticar o pensamento ocidental que sempre privilegiou a centralidade de ideias, do pensamento, de forma a serem compreendidos como matéria inalterável. O teórico defende uma escritura (écriture) que não está sujeita à autoridade de quem escreve. Um texto vale pelas diferenças que veicula, porque tudo nele é diferença e diferenciação de sentido. O sentido de um texto está sempre adiado, nunca pode ser fixado e só a participação no jogo desconstrutivo pode aproximar-nos da verdadeira compreensão do texto, porque, afinal, toda a linguagem é metafórica, ou seja, está sempre a denunciar aquilo que não é. Derrida nasceu na Argélia, mas viveu e faleceu na França onde desenvolveu importantes trabalhos na área da filosofia, além de ser conhecido como o criador da desconstrução.

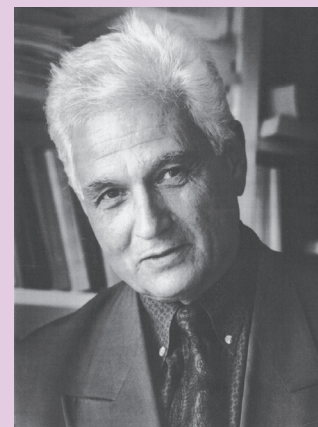


Figura 19: Jacques Derrida

Para entender melhor o significado do logocentrismo acesse: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/L/logocentrismo.htm> E-Dicionário de termos literários.

Desconstrução: o termo é proposto por Derrida, nos anos 70, para um método ou processo de análise crítico-filosófica, cujo objetivo é a crítica do logocentrismo e de conceitos (o significado e o significante; o sensível e o inteligível; a origem do ser; a presença do centro; o logos, etc.) compreendidos como estáveis.

Desconstruir significa ler de forma cerrada um texto (literário, filosófico, psicanalítico, linguístico ou antropológico) a fim de revelar suas incompatibilidades e ambiguidades retóricas, demonstrando que é o próprio texto que as assimila e dissimula. A desconstrução é uma crítica ao estruturalismo saussureano, o qual pretendia construir um sistema lógico de relações que governaria todos os elementos de um texto.

Mary Snell-Hornby (1995) – como já foi abordado, essa autora busca integrar uma grande variedade de conceitos linguísticos e literários através de uma ‘abordagem integrada’ para a tradução. Snell-Hornby utiliza a noção de protótipo para categorizar os tipos de textos; portanto, dependendo do tipo de texto, a autora incorpora a história cultural, estudos literários e socioculturais e áreas de estudo. Já para as traduções legais, científicas e médicas o estudo dos temas especializados é sempre relevante. Snell-Hornby defende, ainda, que os estudos da tradução desenvolvem seus modelos e convenções específicas e objetivam uma ‘teoria de relacionamentos’ no contexto do texto, da situação e da cultura, ao invés de uma abordagem linguística clássica. O aspecto cultural fica, por sua vez, limitado à consideração de acréscimos culturais do próprio texto ou das frases dadas. Snell-Hornby trabalha no sentido de superar as diferenças entre as abordagens linguísticas e literárias. A autora nasceu em Yorkshire, Inglaterra.

Você pode acessar o site do professor Pym: <http://www.tinet.org/~apym/>

Anthony Pym (1998) – na esteira da evolução da disciplina para além das abordagens puramente linguísticas, Pym adota o termo ‘interdisciplinar’ e ‘intercultural’ na descrição do trabalho de história da tradução e põe em dúvida o fato de os estudos da tradução poderem ser mapeados, conforme houvera sugerido Holmes. Muitos teóricos têm abordado a tradução a partir de uma perspectiva cultural e muitas pesquisas se estruturam a partir de uma série de conceitos e técnicas de diferentes referenciais históricos. Mas a construção de uma metodologia interdisciplinar não é direta, visto que poucos são os pesquisadores que possuem conhecimento necessário a respeito de áreas diversas, além de que o histórico acadêmico original do pesquisador condiciona, inevita-

velmente, o foco de suas abordagens. Pym leciona, atualmente, na Universitat Rovira i Virgili em Tarragona, Espanha.

Devemos ainda mencionar os estudos da Linguística de corpus que tratam de uma grande quantidade de textos eletronicamente armazenados, o que facilita o estudo de características da linguagem traduzida. Embora as aplicações presentes da linguística de corpus sejam limitadas, pode haver aplicações de caráter descritivo para os estudos da tradução, visto que o computador é capaz de analisar textos inteiros de uma maneira tal que é quase impossível realizar o trabalho manualmente. Há, entretanto, a preocupação de que os pesquisadores com acesso limitado a essas novas tecnologias possam ficar em desvantagem se comparados a outros, com acesso a recursos tecnológicos modernos, ainda que o contato com a comunidade de pesquisa seja facilitado com a troca de informações (conferências, chamadas para artigos, websites). Isso se dá porque as ferramentas tecnológicas se desenvolvem muito rapidamente, havendo a necessidade de o pesquisador e as investigações acompanharem esse mesmo ritmo.

Como você pode observar, a importância dessa virada cultural é, agora, parte integrante das pesquisas e reflexões sobre a tradução, chamando a atenção para outros pontos importantes como as questões de gênero e discussões sobre o pós-colonialismo. Há uma crescente preocupação com as possíveis consequências ideológicas da tradução nas últimas décadas centradas em questões como a transnacionalidade e a colonização. O argumento que sustenta essas discussões, segundo Munday (2002), é o de que a tradução assume um papel ativo no processo da colonização e na disseminação de uma imagem, ideologicamente motivada, de povos colonizados. Aqui é empregada a metáfora da colônia como uma cópia translacional inferior cuja identidade, então suprimida, é substituída pela imagem – reescrita – feita pelo colonizador.

Essa interface dos Estudos da Tradução com as teorias pós-colonialistas é sustentada em ‘relações de poder’ e estudada, entre outros teóricos, por uma teórica chamada Tejaswini Niranjana (1992), cujo

nome é de grande destaque nesta área. Niranjana vê a tradução literária como um dos discursos que transmitem o aparato hegemônico de pertencer à estrutura ideológica do colonialismo (os outros discursos seriam: educação, teologia, historiografia e a filosofia). A autora estuda as maneiras como as traduções para o inglês têm sido utilizadas pelo poder colonizador para construir a imagem – reescrita – do ocidente e que, conseqüentemente, tem sido apresentada e aceita como a única imagem real e verdadeira, imagem esta que funciona como a imposição de valores ideológicos do colonizador.

Como resultado das reflexões de Niranjana, temos o que a autora denomina ‘relações assimétricas de poder’, isto é, a luta desigual de várias línguas locais contra o que ela chama de a ‘única língua mestre do nosso mundo pós-colonial, o inglês’. A tradução assume, assim, a posição de campo de batalha e exemplo maior do contexto pós-colonial. Há também um link entre o que é translacional e transnacional, referindo-se este último à vivência pós-colonial de imigrantes e, de forma mais ampla, à ‘desruptura local’ que descreve a situação daqueles que permanecem no lado, praticamente desintegrado, de suas forças ‘nativas’.

Resumo

Conhecemos o trabalho da professora Mary Snell-Hornby, da Universidade de Viena, Áustria, que aponta para a necessidade de se adaptar os estudos da tradução, antes voltados a obras da antiguidade e à literatura, como a tradução da Bíblia e os dramas de Shakespeare, à era globalizada em que vivemos hoje. Ela nos mostra a necessidade de se pensar em uma teoria integrada de tradução como ruptura em relação às teorias de caráter restritivo e pouco abrangentes que existiam até então. Presenciamos duas viradas importantes para a disciplina: uma metodológica, ressaltando a necessidade de estudos empíricos (enfocando o processo de tradução, focalizando o sentido do texto e o trabalho dos tradutores) e a outra mais ousada, no sentido de atingir um número maior de áreas de pesquisa, com o aumento das traduções computadorizadas e estudos sobre terminologia. Os estudos da tradução passam a ser, nesse sentido, multidisciplinares e a estabelecer diálogos internacionais e interculturais como consequência direta do processo de globalização.

Aprendemos, ainda, sobre a virada da tradução nos anos 90 rumo a abordagens consideradas interdisciplinares, mudanças que dizem respeito a métodos de pesquisa e conteúdos que começam a mesclar abordagens linguísticas, literárias e culturais. As pesquisas adquirem um caráter empírico, o que altera o perfil da disciplina com investigações sobre a estrutura do processo de tradução. Como consequência, cresce o interesse pelo estudo do processo tradutório e as pesquisas que fazem uso da técnica dos “protocolos verbais” para registrar esse processo e da linguística de corpus, utilizando corpora computadorizados em larga escala visando oferecer informações extensivas para trabalhos de caráter descritivo. A globalização incentiva desenvolvimentos culturais que afetam o estudo da tradução com a criação de novos materiais de trabalho para o tradutor, tais como: materiais de telecomunicações e novos tipos de textos multimídia e a linguagem da propaganda. É ainda importante lembrar dos autores que se utilizam de abordagens discursivas para a pesquisa em tradução, como Toury, Benjamin, Derrida, Hornby, Pym e Steiner.

Leitura sugerida

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies**: theories and application. Routledge, NY, 2002

SNELL-HORNBY, Mary. **The turns of Translation Studies**. New paradigms or shifting viewpoints? University of Viena, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company, 2006.

GENTZLER, Edwin. **Contemporary Translation Theories**. Routledge, London, 1993.

6 Pesquisas em tradução

Vamos conhecer as várias frentes de pesquisa nas universidades brasileiras, formando assim um mapeamento da área de tradução através dos tempos até a atualidade.

6.1 Mapeamento da disciplina

Após conhecer um pouco da história da tradução e das possibilidades de pesquisa na área, além do funcionalismo alemão, neste capítulo, você encontrará informações que buscam oferecer um panorama ou um mapeamento dos estudos da tradução nos dias atuais. Serão apresentadas, também, algumas atividades de pesquisa em tradução, nas sub-áreas de Letras e Linguística, nas Instituições de Ensino Superior brasileiras (IES), entre as décadas de 1980 e 1990.

Os dados apresentados aqui foram publicados pela coordenação do grupo de Trabalho de Tradução da Anpoll - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística nas Instituições de Ensino Superior Brasileiras (públicas e privadas) entre 1980 e 1990. Para tanto, foram levantados, ao longo de 2000-2001, resumos das teses e dissertações defendidas na área. Conforme ressalvas dos próprios organizadores, parte-se do pressuposto de que um mapa não é o território mapeado de fato, mas sim uma representação dos rumos e tendências da pesquisas em questão. Foram verificados 95 (noventa e cinco) resumos, incluindo-se trabalhos de mestrado, doutorado e livre-docência.

A concentração majoritária dos resultados da pesquisa se deu em nível de mestrado, com 54 dissertações registradas, representando 56,8% do total. No entanto, o número de teses de doutorado, 39, correspondente a 41,1%, número também bastante significativo. Tendo em vista o estágio embrionário dos Estudos da Tradução no Brasil, nas décadas em questão, a expectativa era a de um número de teses de doutorado bem inferior, mas a grande expansão dos Estudos da Tradução no contexto internacional parece ter tido uma repercussão direta no Brasil. Por ou-

tro lado, a pouca frequência de teses de livre docência está relacionada com o fato de ser esta uma modalidade demandada por carreiras docentes apenas em algumas poucas instituições no país.

No que se refere à distribuição das teses e dissertações pelas IES brasileiras, os 95 resumos cadastrados se distribuem por 4 universidades federais (UFMG, UFSC, UFRJ e UFRGS), 4 estaduais (USP, UNICAMP, UNESP (*campi* Rio Preto e Araraquara) e UECE) e 3 católicas (PUC-SP, PUC-RIO e PUC-RS). Foram registrados, ainda, trabalhos de doutoramento defendidos em 5 universidades estrangeiras nos Estados Unidos, Alemanha, Bélgica e Canadá.

Em relação ao assunto abordado nesses trabalhos acadêmicos, os dados da Anpoll mostram que há uma grande heterogeneidade, que, ainda assim, pode ser organizada em algumas categorias, como apresentadas a seguir.

- a reescritura no Brasil e no português do Brasil (e em outras línguas/contextos). Essa noção é bastante explorada em estudos literários de autores como: Clarice Lispector; James Joyce; Haroldo de Campos; Augusto de Campos; João Guimarães Rosa; Samuel Beckett; Joaquim Maria Machado de Assis; William Shakespeare; Monteiro Lobato; Antoine Berman; Walter Benjamin e outros. Algumas obras estudadas foram: *As Vinhas da Ira*; *King Lear*; *Animal Farm*; *Dubliners*; *A Streetcar Named Desire*; *O Apanhador no Campo de Centeio*; *Romeu e Julieta*; *Peter Pan*; *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*; *Bíblia*; *Grande Sertão: Veredas*; *Alice no País das Maravilhas* e *Cien Años de Soledad*.
- o interesse no “Outro” manifestado em estudos que enfatizam dimensões políticas. Entretanto, mesmo sendo o tema principal, os pesquisadores não o utilizam como palavra-chave.
- o interesse em resgatar a história dos Estudos da Tradução no Brasil, traçando sua trajetória ao longo dos seus anos de desenvolvimento. Algumas obras mencionadas no relatório da Anpoll tratam de temas como: “Percursos críticos e tradutórios da nação: Brasil e Argentina”; “Tendências nos Estudos da Tradução

O “Outro” em maiúsculas é utilizado em respeito a eventuais diferenças entre o contexto cultural do emissor e do receptor.

Literária: passado e presente”. Merece destaque, também, o trabalho de Lia Wyler: “Línguas, poetas e bacharéis. Uma crônica da tradução no Brasil”, sua tese de doutoramento, publicada em livro em 2003.

- a preocupação em estabelecer a afiliação teórica, conceitual e metodológica do trabalho de forma direta ou não, como: “instrumentalidade do modelo descritivo”; “...uma reflexão à luz da análise do discurso”; “...meandros da crítica textual”; “... agência cultural, normas e a tradução”.
- tradução e diferença e,
- trabalhos de cunho teórico tais como: “Tradução: teorias e contrastes”; “O modelo teórico integral de tradução em Francis Aubert (...)”.

Podemos mencionar, também, os trabalhos recentemente defendidos no primeiro curso de mestrado em estudos da tradução no Brasil, da Universidade Federal de Santa Catarina, a Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET. Iniciado em 2003, o curso começou com uma turma de 17 alunos e hoje conta com cerca de 100 mestrandos e 70 doutorandos, pesquisando os mais variados assuntos relacionados à tradução. Dos trabalhos defendidos desde o seu início, os temas abordados também ajudam a tecer um panorama dos interesses mais recentes dos pesquisadores, a saber:

- Tradução e lexicografia (dicionários bilíngues)
- Tradução jornalística (textos jornalísticos e linguagem publicitária)
- Tradução técnica / jurídica / terminologia
- Linguagem avaliativa em tradução
- Tradução e linguística de corpora (estratégias de tradução)
- Tradução e linguística sistêmica
- Tradução e linguagem semiótica

- Tradução literária e poética
- Tradução técnica (elaboração de glossários terminológicos)
- Tradução e legendação
- Tradução e semiótica
- Tradução teatral
- Tradução e ensino de línguas
- Tradução e discurso
- Tradução e marketing
- Tradução na área de libras
- Tradução de cartoons
- Tradução de provérbios e expressões idiomáticas

Esses trabalhos são desenvolvidos dentro de um campo mais amplo, os chamados ‘processos de re-textualização’ que, por sua vez, são divididos entre as seguintes linhas de pesquisa:

1. Teoria, crítica e história da tradução.

Contempla aspectos de especificidades culturais, históricas e ideológicas, através de diferentes teorias de tradução, abordagens críticas e avaliações analíticas de traduções, além de pesquisas sobre os percursos históricos da tradução e o estudo corpora de textos traduzidos, buscando verificar os procedimentos teóricos subjacentes à atividade, sua contextualização e desenvolvimento históricos.

2. Lexicografia, tradução e ensino de línguas estrangeiras.

Contempla a lexicografia, do ponto de vista do ensino de línguas; a produção de dicionários monolíngues, bilíngues, ‘bilingualised’; a contribuição dos estudos de corpora para a produção de dicionários alternativos e descrição de traduções; a prática de tradução; o estudo dos processos tradutórios (cognitivos e textuais) em sua relação com a aprendizagem de línguas estrangeiras; os recursos tecnológicos e a tradução.

Na lista desses assuntos, ficaram de fora os trabalhos ainda em andamento pela dificuldade de acesso a todos os alunos. Mas, como você pode observar, os estudos da tradução vêm conquistando um espaço cada vez maior na área acadêmica, estruturando-se não só de forma independente como também em interfaces com várias outras áreas de conhecimento. Essa postura marca uma tendência atual em meio acadêmico: a interdisciplinaridade, ou seja, o fato de buscar em áreas afins (história, antropologia, filosofia, etnografia, semiótica, localização, jornalismo, sociologia, entre outras) respostas que a tradução não consegue esclarecer, pelo simples fato de a tradução ser, em sua essência, uma área híbrida, isto é, que não se restringe a um único assunto. Tal fato permite não só o crescimento dos estudos constitutivos da tradução em si, mas também a noção de sua importância permeando todas as áreas do saber.

Resumo

Nesse item você conheceu um pouco mais sobre os rumos de pesquisas recentes em tradução feitas no Brasil e também na Universidade Federal de Santa Catarina, no curso de pós-graduação em Estudos da Tradução. As pesquisas registram a grande tendência de pesquisas vinculadas aos estudos literários, mas por outro lado, demarca o campo interdisciplinar dos estudos tradutórios com temas relativos ao jornalismo, propaganda, análise do discurso, lexicografia, semiótica e legendação. Ainda que predominem trabalhos de cunho mais literário, é importante lembrar que a tradução não se fixa só nessa área e que, realmente, é possível realizar pesquisas de caráter inovador em áreas afins da comunicação.

Leitura sugerida

PGET – **Pós-Graduação em Estudos da Tradução**, UFSC. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/>. Último acesso em: Maio, 2007.

PAGANO, A et. al. 2001. **Estudos da Tradução no Brasil / Translation Studies in Brazil**. Belo Horizonte: FALE/UFMG. (CD-ROM)

PAGANO, Adriana & VASCONCELLOS, Maria Lúcia. **“Formando” Futuros Pesquisadores: Palavras-chave e afiliações teóricas no campo**

disciplinar Estudos da tradução. Disponível em: www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos17/adriana_marialucia.pdf. Último acesso em: Maio, 2007.

PAGANO, Adriana & VASCONCELLOS, Maria Lúcia. **Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300003. Último acesso em: Maio, 2007.

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis. Uma crônica da tradução no Brasil.** Rocco, Rio de Janeiro, 2003.

Unidade E

Prática de tradução



7 A tradução em prática

Para esta última parte do curso, selecionamos alguns textos para você praticar a tradução e exercitar toda a teoria abordada até aqui. Observe as diferenças e semelhanças e reflita sobre a prática da tradução. Para isto, selecionamos uma área que geralmente causa estranheza quando associada à tradução: o jornalismo. Isto se explica porque temos uma concepção de jornalismo fundamentada nos princípios da neutralidade, da objetividade, da veracidade no relato dos fatos, da isenção e, como resultado dessa somatória, o jornalismo ganha e sustenta a credibilidade junto ao seu público leitor. Além disso, os textos jornalísticos representam um gênero textual quase que inesgotável para o trabalho em sala de aula, ou seja, com os devidos cuidados que todo professor deve ter ao planejar e adequar a aula para os seus alunos, você pode utilizar atividades similares em sala para refletir sobre os textos com os seus próprios alunos.

É importante deixar claro para o grupo a fonte desse material. Procure selecionar os textos partindo sempre de uma mesma fonte: só internet ou só revistas ou só jornais impressos, por exemplo, visto que fontes diferentes têm abordagens distintas em termos de linguagem escrita.

Nos textos selecionados, você pode observar a tradução tanto como processo quanto como produto. Leia as perguntas a seguir, reflita sobre elas e observe como um mesmo fato, uma mesma notícia, pode gerar textos sensivelmente diferentes no português e no espanhol:

- Os textos em ambas as línguas têm a mesma abordagem?
- Existe alguma diferença entre eles? Quais?
- Quando comparados entre si, os textos apresentam alguma informação adicional e/ou omissão destas informações?

Qual o meio de publicação desses textos? Esse meio pode exercer alguma influência sobre a forma como a tradução é realizada?

- Todos os textos são assinados? Algum deles é traduzido? O nome do tradutor, caso isso ocorra, é mencionado? O que poderia significar a ausência do nome do tradutor no texto jornalístico?
- Qual a intenção, o propósito, a função do texto jornalístico?
- Em sua opinião, o que é importante para o tradutor considerar antes de começar a traduzir um texto como este, por exemplo?

Perguntas feitas...então, vamos aos textos!

TEXTO 1A - A GUERRA CONTRA O NARCOTRAFICO NO RIO DE JANEIRO

[ELPAIS.com](http://elpais.com) > [Internacional](#)

Río lleva tanques a las favelas para una batalla decisiva contra el narcotráfico

La ciudad brasileña, sede de los Juegos Olímpicos en 2016, vive un momento crucial para eliminar la violencia en sus barrios más deprimidos.- Un ex director de Policía dice que el objetivo solo puede lograrse “ahora, o nunca más”

JUAN ARIAS | Río de Janeiro 25/11/2010 - 298 votos

http://www.elpais.com/articulo/internacional/Rio/lleva/tanques/favelas/batalla/decisiva/narcotrafico/elpepuint/20101125elpepuint_11/Tes

En Río, apellidada la *ciudad maravillosa*, la violencia continúa y se ha cobrado hoy siete nuevas víctimas mortales más en la batalla que libran las fuerzas del orden contra el narcotráfico. Esta mañana han sido incendiados otros tres vehículos públicos y por primera vez se han visto seis tanquetas, conducidas por soldados de la Marina brasileña, frente a la favela de Vila Cruzeiro, suburbio violento donde ya estaban actuando 10 vehículos blindados del BOPE (Batallón de Operaciones Policiales Especiales) y donde las autoridades creen que se han escondido los narcos que han declarado guerra a la ciudad. Se trata de la primera vez en

que se emplean vehículos militares de este tipo, con ametralladoras de calibre 50, tras la creación de las Unidades de Policía Pacificadora en 2007 con el objetivo de restablecer la acción del Estado en las zonas controladas por narcos.

- [Los narcos desafían a Río de Janeiro](#)
- [Un nuevo Río para 2016](#)
- [La policía brasileña toma el fortín de los narcotraficantes en Río](#)
- [Las fuerzas policiales y militares cercan la mayor concentración de narcotraficantes de Río](#)



Lucha en Río contra la alianza de los narcos

FOTOS - EFE - 28-11-2010

Por aire. Miembros de la Policía Militar patrullan en helicóptero la favela da Grotta en el Complejo del Alemán en Río de Janeiro (Brasil).- EFE

- [Lucha en Río contra la alianza de los narcos - Por aire](#)
- [Lucha en Río contra la alianza de los narcos - Control sobre las favelas](#)
- [Lucha en Río contra la alianza de los narcos - Decomiso por aire](#)
- [Lucha en Río contra la alianza de los narcos - Bandera en Complejo do Alemão](#)
- [Lucha en Río contra la alianza de los narcos - Decomiso](#)
- [Lucha en Río contra la alianza de los narcos - Detenciones](#)

Otras fotografías - 1 de 27

La ciudad, que será una de las sedes del Mundial de Fútbol de 2014 y acogerá los Juegos Olímpicos de 2016, vive una ola de violencia desde el pasado domingo. Desde entonces, según las últimas cifras oficiales, han ardiado 55 vehículos y 30 personas han muerto en la respuesta de la Policía, que ha entrado en 28 favelas en las que se sospecha que se refugian narcotraficantes. En Vila Cruzeiro, las televisiones han mostrado en directo imágenes de la entrada de los policías (unos 350 efectivos, según medios brasileños), de los traficantes armados recorriendo las calles e incluso de la huida de un grupo de criminales a uno de los suburbios vecinos, que ha sido captada desde un helicóptero de la red de televisiones del grupo Globo.

El gobernador del Estado de Río, Sérgio Cabral, ha aparecido a hoy en la televisión para pedir a los cariocas que hagan “su vida normal”, sin miedo a la guerra creada por los traficantes de droga, ya que lo que estos desean “es crear el pánico en la ciudad” como demostración de fuerza. A pesar de ello, la zona sur de Río, que es la zona noble y rica donde están ubicadas las famosas playas de Copacabana, Leblón e Ipanema, ha amanecido con poco tránsito de vehículos privados y autobuses medio vacíos.

“Ahora o nunca”

Una de las personalidades de la Policía de Río, Rodrigo Pimentel, ex capitán del BOPE y guionista de los famosos filmes *Tropa de Élite* y *Tropa de Élite 2* -ambas sobre la guerra de las fuerzas del orden contra los traficantes y las milicias que aterrorizan a los ciudadanos de las favelas- ha hecho esta mañana unas declaraciones al portal Terra con esta frase lapidaria: “Río, ahora o nunca más”.

Crítico siempre de las autoridades políticas que, según él, no han acertado hasta ahora en la lucha contra el narcotráfico, Pimentel ha confesado que durante los 12 años en que actuó en la Policía de Río fue siempre pesimista: “Me parecía que estábamos enjugando una piedra de hielo”, comenta. Ahora, al revés, ha llegado la hora en que si existiese voluntad política -y asegura que esta vez existe- se podría dar paso al optimismo. “Por fin empieza a verse una luz al final del túnel”, ha dicho.

Pimentel cree que el camino de pacificar poco a poco las favelas, liberándolas de las garras de los traficantes de droga, es la única solución viable para acabar con esta especie de guerra civil que vive la ciudad. Eso sí, el ex capitán del BOPE advierte que Río se encuentra ante una situación única que no puede dejar pasar. Aunque para ello la ciudad deberá vivir aún cinco o seis días más de pánico, hasta que las fuerzas del orden impongan la normalidad.

TEXTO 1B - A GUERRA CONTRA O NARCOTRAFICO NO RIO DE JANEIRO

25/11/2010 - 10h13

Bope chega à Vila Cruzeiro, no Rio, para nova operação contra ataques

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/835961-bope-chega-a-vila-cruzeiro-no-rio-para-nova-operacao-contra-ataques.shtml>

LUIZA SOUTO

DO RIO - Atualizado às 10h23.

O Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais, da PM) circulava pelos acessos da Vila Cruzeiro por volta das 10h desta quinta-feira, em uma nova operação na região e no Complexo da Penha, na zona norte do Rio. O objetivo é coibir os ataques e incêndios de veículos registrados em diferentes pontos do Estado desde o último domingo.

[Leia a cobertura completa sobre os ataques no Rio](#)

[Polícia prepara nova operação na Vila Cruzeiro](#)

[Acompanhe a Folha no Twitter](#)

[Conheça a página da Folha no Facebook](#)

Bandidos colocaram dois caminhões atravessados no alto do morro, para dificultar o acesso da polícia. Todas as delegacias especializadas estão concentradas na Quinta da Boa Vista, também na zona norte, de onde devem sair às 10h30 com um helicóptero blindado.

A Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) chegou a delimitar o espaço aéreo entre Manguinhos e o Complexo da Penha, liberando voos apenas de aeronaves da polícia.

A Vila Cruzeiro é considerada o principal reduto de traficantes na cidade. Das 19 mortes registradas somente na quarta (24) durante operações policiais, quatro ocorreram durante ação do Bope no local.

Entre as vítimas está Rosângela Barbosa Alves, 14, [morta](#) por um tiro nas costas durante a incursão da tropa de elite da PM.

O hospital Getúlio Vargas, na Penha, que ontem recebeu ao menos 21 moradores feridos, hoje terá suas atividades coordenadas pessoalmente pelo secretário estadual de Saúde, Sérgio Côrtes, que solicitou reforços de médicos do Corpo de Bombeiros. Todos os funcionários que estavam de folga foram convocados para trabalhar normalmente.

Ontem, o tiroteio no local deixou presas em uma [escola](#) da favela duas diretoras e sete alunos --os pais não conseguiam subir para buscar as crianças. Só após as 18h os responsáveis chegaram até o local e todos saíram.

ENTENDA OS ATAQUES

Desde o fim de semana o Rio vem sofrendo uma série de ataques criminosos. O balanço geral até agora é de 27 mortos e 46 veículos incendiados, contando com um ônibus queimado na manhã desta quinta. Nove incêndios aconteceram entre as 20h da noite de quarta-feira (24) e o início da madrugada de hoje.

Na segunda-feira (22), o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral (PMDB), e o secretário de Segurança, José Mariano Beltrame, ligaram a série de ataques à política de ocupação de favelas por UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) e à transferência de presos para presídios federais.

Beltrame não descartou novos ataques de ‘traficantes emburrados’ e afirmou que o Rio não mudará a política de segurança pública.

Para o comandante-geral da Polícia Militar do Rio, a onda de arrastões e de veículos incendiados na cidade é uma ação orquestrada por uma única facção criminosa com objetivo de causar medo na população e de desacreditar a política de segurança pública do Estado. Ele não citou o nome, mas se referia ao Comando Vermelho.

Para tentar conter a articulação de líderes de facções criminosas, Beltrame pediu na terça-feira ao Tribunal de Justiça a transferência de pelo menos oito presos para presídios federais.

Uma investigação da polícia do Rio aponta também para uma articulação entre traficantes de duas facções criminosas para uma eventual mega-ação de confronto para o próximo sábado, dia 27.

Nas conversas entre traficantes interceptadas pela polícia aparecem sugestões de atirar contra as sedes dos governos estadual e municipal e lançar explosivos em áreas de grande aglomeração, como shopping centers na zona sul e pontos de ônibus.



O policiamento nas ruas foi reforçado, com os agentes colocados em estado de alerta, e operações foram deflagradas para impedir que o confronto se materialize.

Foi ventilado por integrantes das facções criminosas o planejamento de ações para atingir diretamente familiares do governador Sérgio Cabral Filho (PMDB).

TEXTO 2A – MINEIROS NO CHILE

[ELPAIS.com](#) > [Internacional](#)

Chile diseña un plan de resistencia para mantener con vida a los 33 mineros

Los trabajadores, sepultados a 700 metros de profundidad han podido eguir vivos gracias a su capacidad organizativa

MANUEL DÉLANO | Santiago 25/08/2010 - 190 votos

http://www.elpais.com/articulo/internacional/Chile/disena/plan/resistencia/mantener/vida/33/mineros/elpepuint/20100824elpepuint_12/Tes

VÍDEO: Primeras imágenes de los mineros, distribuidas por CNN

Dos cucharadas de atún en conserva, un vaso pequeño de leche, media galleta y pequeños dados de melocotón en almíbar cada 48 horas. Esa ha sido la dieta espartana con la que han sobrevivido los 33 mineros atrapados a 700 metros de profundidad en la mina San José, dosificando los alimentos que tenían en el refugio y repartiéndolos en forma igualitaria, según han relatado por el teléfono que se les envió desde la superficie a través de la sonda introducida el domingo.

- Una explosión de roca provocó el derrumbe

Localización de los mineros chilenos bajo tierra

GRAFICO - El País - 23-08-2010

Localización de los mineros chilenos bajo tierra - EL PAÍS

Sebastián Piñera Echenique

A FONDO

Nacimiento:

01-12-1949

Lugar:

Santiago de Chile

El presidente Sebastián Piñera ha dicho hoy que los mineros no saldrán para el Bicentenario de Chile, en septiembre. “Pero sí estarán con nosotros en Navidad y Año Nuevo”, ha asegurado.

“Estamos bien, con ánimo, esperando que nos rescaten” dijo el topógrafo y jefe de turno Luis Urzúa, de 54 años, al ministro de Minería, Laurence Golborne, en la primera comunicación telefónica con los atrapados, que tuvieron bríos como para cantar a voz en cuello, completo, el himno nacional, emocionando a todos en la superficie.

La primera preocupación de Urzúa no fue por ellos mismos, que están como enterrados en vida en una mina que se podría desplomar sobre sus cabezas, sino por los compañeros que iban saliendo cuando ocurrió el derrumbe, hace ya 19 días . “Salieron todos ilesos, no hay ninguna fatalidad que lamentar”, le informó Golborne.

Los 33 (32 chilenos y un boliviano), nombre que algunos ya registraron en sus diferentes variantes como una marca, fueron entrevistados por un médico desde la superficie. Todos están bien de salud y con ánimo. Varios dijeron tener mucha hambre y uno dolor de estómago.

Mineros organizados

A través de las “palomas”, los tubos por los que se canalizan los envíos desde la superficie hasta la galería donde permanecen los mineros, y que tardan una hora en ir y volver, se les han bajado suero, glucosa y complementos nutricionales. También les enviaron broncodilatadores, medicinas para la diabetes e hipertensión, oxígeno, alcohol para la limpieza del cuerpo y parches oculares, pues algunos se quejaron de malestar en sus ojos por el exceso de polvo en suspensión.

Todavía les quedaba parte de los alimentos, una ración más, cuando los encontraron. Agua tenían en un estanque, y además guardaban la que caía a través del cerro. Aún así, han perdido entre siete y diez kilos de peso cada uno. El Gobierno resolvió no mostrar todas las imágenes de las que dispone, en las que los mineros lucen más delgados, por respeto a sus familiares y para evitar convertir el suceso en un reality show, sostiene el diario La Tercera. Los 33 se habían organizado en turnos para vigilar ante posibles derrumbes e intentos de rescate y hacer limpieza. Establecieron zonas para transitar, alimentarse o hacer sus necesidades. Además de coraje, tuvieron ingenio: aprovecharon las baterías de las camionetas que quedaron atrapadas para contar con carga para la luz de sus cascos y algo de iluminación.

Organizados, los mineros intentaron huir a la superficie después del derrumbe, a través del conducto de ventilación, pero no pudieron porque éste carece de escaleras, contó Golborne. La mina, clausurada

en 2007 después de la muerte de un trabajador, fue reabierta en 2008 con la condición de que se construyera una escalera por este conducto, pero los propietarios no lo hicieron. La chimenea de escape permaneció despejada 48 horas y después se derrumbó. “De haber estado escalada esta chimenea, habría permitido probablemente que ellos salieran”, evitando el drama actual, criticó Golborne.

Fortaleza física y mental

La capacidad organizativa y la fortaleza física y mental de los trabajadores infunde optimismo a los equipos de rescate.

Un nuevo apoyo les llegó con las cartas que sus familiares les enviaron desde la superficie. “Hola papito”, escribe Romina a su padre, Mario Gómez, “quiero que sepas que me alegré demasiado que estés bien. Todos aquí armaron una fiesta por ustedes, hasta cueca bailaron”.

Los psicólogos que apoyan a los familiares han aconsejado que las cartas no cuenten aquello que pueda bajar el ánimo de los mineros. Otros especialistas recomiendan además enviar juegos y lecturas a los atrapados, para que puedan ocupar el tiempo mientras esperan el rescate, como prisioneros en el subsuelo. Durante una etapa del salvamento, que se hará con una perforadora que está siendo trasladada por partes hasta la mina, los mineros deberán trabajar apoyando a los equipos en la superficie. La perforadora abrirá un agujero de 38 centímetros de diámetro, que después se ensanchará hasta 66 centímetros, un poco más ancho que los hombros de una persona. El material de desecho caerá hasta el fondo de la mina, donde los trabajadores deberán sacarlo para que el conducto no se bloquee.

Una vez abierto este agujero, por él se bajará una cesta. En ella cabe una persona, que deberá vendarse los ojos. Una grúa subirá la canasta con los mineros, uno por uno. Este tipo de salvamento puede llevar una semana.

Es un trabajo sin precedentes a esta profundidad a nivel mundial. Si falla, existe un plan b: utilizar una sonda petrolera, porque la alternativa de hacer un túnel nuevo a través del cerro significa un año antes de poder traer a los mineros de regreso.

TEXTO 2B - MINEIROS NO CHILE

25/08/2010 - 00h07

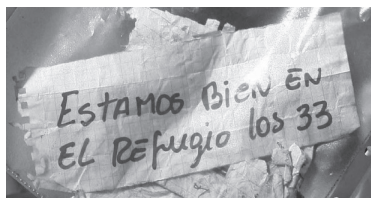
Mineiros presos lutam para sobreviver a 700 metros abaixo da terra

EL PAIS

Manuel Délano

Em Santiago (Chile)

<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/elpais/2010/08/25/mineiros-presos-lutam-para-sobreviver-a-700-metros-abaixo-da-terra.jhtm>



Os 33 mineiros presos no Chile enviaram um bilhete como prova de vida para a superfície

Trabalhadores conseguiram sobreviver graças a sua capacidade de organização

Duas colheradas de atum em conserva, um copo pequeno de leite, meia bolacha e pequenos cubos de pêsego em calda a cada 48 horas. Essa foi a dieta espartana com que sobreviveram os 33 mineiros presos a 700 metros de profundidade na mina San José, dosando os alimentos que tinham no refúgio e distribuindo-os de forma equitativa, segundo relataram pelo telefone que foi enviado da superfície através da sonda introduzida no domingo. O presidente Sebastián Piñera afirmou na terça-feira que os mineiros não sairão para o bicentenário do Chile, em setembro. “Mas estarão conosco no Natal e Ano Novo”, acrescentou.

“Estamos bem, com ânimo, esperando que nos resgatem”, disse o topógrafo e chefe de turno Luis Urzúa, 54 anos, ao ministro das Minas, Laurence Golborne, na primeira comunicação telefônica com os presos, que tiveram ânimo para cantar a plena voz o hino nacional inteiro, emocionando a todos na superfície. A primeira preocupação de Urzúa não foi por eles mesmos, que estão como que enterrados vivos em uma mina que pode despencar sobre suas cabeças, mas pelos companheiros que estavam saindo quando ocorreu o desabamento, há 20 dias. “Saíram todos ilesos, não há nenhuma fatalidade a lamentar”, informou-lhe Golborne.

Os 33 (32 chilenos e um boliviano), nome que alguns já registraram em suas diversas variantes como uma marca, foram entrevistados por um médico que estava na superfície. Todos estão bem de saúde e com ânimo. Vários disseram ter muita fome e dor de estômago. Através das “pombas”, os tubos pelos quais são canalizadas as remessas da superfície até a galeria onde permanecem os mineiros, e que demoram uma hora para ir e voltar, lhes baixaram soro, glicose

e complementos nutricionais. Também lhes enviaram broncodilatadores, remédios para diabetes e hipertensão, oxigênio, álcool para limpeza do corpo e curativos oculares, pois alguns se queixaram de incômodo nos olhos devido ao excesso de poeira em suspensão.

Ainda lhes restava parte dos alimentos, uma ração a mais, quando os encontraram. Tinham água em um estanque e além disso guardavam a que caía através do morro. Mesmo assim perderam entre 7 e 10 quilos de peso cada um. O governo resolveu não mostrar todas as imagens que possui, nas quais os mineiros aparecem mais magros, por respeito a seus parentes e para evitar transformar o ocorrido em um “reality-show”, afirmou o jornal “La Tercera”. Os 33 haviam se organizado em turnos para vigiar contra possíveis desmoronamentos e tentativas de resgate e para fazer limpeza. Estabeleceram zonas para se movimentar, alimentar-se ou fazer suas necessidades. Além de coragem, tiveram engenhosidade: aproveitaram as baterias das caminhonetes que ficaram presas para contar com carga para a luz de seus capacetes e um pouco de iluminação.

Organizados, os mineiros tentaram sair à superfície depois do desmoronamento, através do duto de ventilação, mas não conseguiram porque este não tem escadas, contou Golborne. A mina, fechada em 2007 depois da morte de um trabalhador, foi reaberta em 2008 sob a condição de que fosse construída uma escada por esse duto, mas os proprietários não o fizeram. A chaminé de escape permaneceu livre por 48 horas e depois desmoronou. “Se essa chaminé tivesse escada, provavelmente permitiria que eles saíssem”, evitando o drama atual, criticou Golborne. A capacidade de organização e a força física e mental dos trabalhadores infundiram otimismo nas equipes de resgate.

Um novo apoio chegou com as cartas que seus parentes lhes enviaram da superfície. “Olá papai”, escreveu Romina para seu pai, Mario Gómez. “Quero que saiba que fiquei muito contente que você esteja bem. Todos aqui armaram uma festa por vocês, dançaram até a ‘cueca’.” Os psicólogos que apoiam os parentes aconselharam que as cartas não contem coisas que possam diminuir o ânimo dos mineiros. Outros especialistas também recomendam enviar jogos e leituras para os presos, para que possam ocupar o tempo enquanto esperam o resgate como prisioneiros no subsolo.

Durante uma etapa do salvamento, que será feita com uma perfuradora que está sendo transportada por partes até a mina, os mineiros deverão trabalhar apoiando as equipes na superfície. A perfuradora abrirá um buraco de 38 cm de diâmetro, que depois será alargado para 66 cm, um pouco mais que os ombros de uma pessoa. O material desgastado cairá ao fundo da mina, onde os trabalhadores deverão retirá-lo para que o duto não seja bloqueado.

Uma vez aberto esse buraco, por ele se baixará um cesto. Nele cabe uma pessoa, que deverá vendiar os olhos. Uma grua subirá o cesto com os mineiros, um a um. Esse tipo de salvamento poderá levar uma semana.

É um trabalho sem precedentes nessa profundidade em nível mundial. Se falhar, existe um plano B: utilizar uma sonda petrolífera, porque a alternativa de fazer um novo túnel através do morro significa um ano antes de poder trazer os mineiros de volta.

Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves

TEXTO 3A – MUDANÇAS DE COSTUMES DOS
CONSUMIDORES ESPANHÓIS

[http://www.elpais.com/articulo/sociedad/copas/casa/
elpepisoc/20101119elpepisoc_1/Tes](http://www.elpais.com/articulo/sociedad/copas/casa/elpepisoc/20101119elpepisoc_1/Tes)

REPORTAJE: Vida&Artes

De copas: ¿en tu casa o en la mía?

Los españoles moderan sus salidas: aperitivos en vez de comidas; reuniones domésticas en vez de discotecas - Lo ‘gourmet’ entra en el hogar

M. R. SAHUQUILLO / R. MUÑOZ 19/11/2010 - 79 votos

El efecto *tupper* desbanca al menú del día. Aumentan las reuniones sociales en las casas, la fiesta *a la europea*; y cada vez está más de moda quedar a tomar una caña o un aperitivo en lugar de ir a comer a un restaurante. Lo que al principio de la crisis se percibía como algo temporal o incluso anecdótico ha dado paso a un cambio en las costumbres de los consumidores españoles. La recesión se nota en el ocio y en la cesta de la compra. Cada vez se gasta menos y lo que se gasta se piensa mucho más. Los españoles, amantes de la vida en la calle y de frecuentar bares, restaurantes y discotecas, no dejan de hacerlo radicalmente, pero ajustan su gasto. Ahora se toman una copa en lugar de varias y el jamón bueno se lo comen en casa.

¿Arraigarán los hábitos?

Los ‘burger’ ganan clientes, los pierden restaurantes de mayor calidad

Más personas van a su trabajo con el ‘tupper’ para evitar el menú del día

Solo un 39% de los españoles reconoce que sale como antes de la crisis

Los expertos, sorprendidos por la intensidad de la caída del consumo

Las familias están angustiadas por la crisis y trasladan ese sentimiento

al gasto. El consumo ha caído por primera vez en un año. En 2009, el gasto medio de los hogares descendió un 4,8% y, lo que es más preocupante, las familias ahorraron en todos los capítulos de gasto salvo el de la vivienda, acuciados por el pago del alquiler o la hipoteca. Gastos difícilmente reducibles.

Las cifras no engañan. El patrón de consumo está cambiando. Solo un 39% de los españoles sale tanto como antes de la crisis. Pero se buscan pequeñas soluciones: un 20% ha aumentado su consumo de productos *gourmet* en casa y el 9% utiliza más la tarjeta de crédito para mantener su estilo de vida, según el estudio *Las cuatro caras de la crisis* de la agencia CP Proximity presentado ayer y elaborado con más de mil entrevistas en profundidad a consumidores españoles.

Este no es el único informe que apunta estas tendencias, que se observan desde hace unos tres años, pero que se agudizan mes a mes y que parece que han arraigado. Otra investigación reciente de la consultora PricewaterhouseCoopers (PwC) muestra que los españoles, un poco obligados por la situación, han descubierto las ventajas del ocio casero. Un 60% se ha apretado en cinturón y opta por reducir su gasto en diversión en la calle. Además, si salen a comer o a cenar escogen un restaurante más barato.

“Las pizzerías, hamburgueserías, en definitiva, la restauración organizada ha visto incrementada su cifra de negocio. Las visitas a otros restaurantes, más caros y selectos ha caído”, analiza Víctor J. Martín, profesor de Política Económica de la Universidad Complutense de Madrid, y uno de los investigadores del macroestudio de Mercasa (la empresa pública de los mercados mayoristas), recién publicado.

Según esa investigación, la crisis ha reducido el consumo en restaurantes pero ha aumentado el de los aperitivos en bares. Aunque las cañas y las tapas cuestan un 5,5% más que el año pasado su consumo ha aumentado más de un 5%. Y otro cambio, las veladas se alargan: la última copa se toma en el mismo restaurante en vez de ir a tomar varias a otro lugar.

El estudio de Mercasa revela que los españoles solo gastan en comer y beber fuera de casa un euro frente a los tres que dedican a hacerlo en casa. Y este cambio no es solo porque las reuniones caseras se están poniendo de moda. “Ha aumentado el efecto *tupper*. Muchas personas que trabajan fuera de casa y antes salían a tomar el menú diario ahora se llevan la fiambra. Los restaurantes de menú han visto cómo su cifra de negocio está disminuyendo”, apunta Martín. “Los ciudadanos moderan su gasto no solo porque se ven afectados por la crisis. También

por precaución, y eso se nota. Las salidas son prácticamente las mismas, no todo el mundo se sacrifica y se queda en casa, pero casi todos están reajustando el gasto”, añade el profesor de Política Económica.

La necesidad de apretarse el cinturón no solo ha transformado el ocio. También ha alterado la cesta de la compra. “Son cada vez más los consumidores que miran el precio de los productos que antes compraban por costumbre. Ahora se es consciente de las diferencias de precios”, analiza Ruben Sánchez, de Facua Consumidores en Acción. Y eso se nota, por ejemplo, en el auge de las marcas blancas. El 77% de los hogares afirma que el peso de la marca de distribución en su compra habitual es “considerable” o “muy mayoritario”. Otro 44% ha notado que el peso de las marcas blancas ha aumentado mucho en su despensa desde el comienzo de la crisis, según el estudio Eroski, elaborado con datos de más de 5.000 familias.

El cambio ha sido progresivo. Los hogares lo pasaron mal el año pasado. El gasto medio en consumo de cada hogar español experimentó un descenso del 4,8% hasta los 30.411 euros, según la Encuesta de Presupuestos Familiares que acaba de publicar el Instituto Nacional de Estadística (INE). Pero más significativo aún que este descenso es que los hogares consumen menos que hace tres años (en 2006 el gasto medio era de 30.562 euros). Y no sólo las familias. La factura habitual por persona también cayó un 3,7% en 2009 hasta los 11.365 euros.

La encuesta del INE, la más fiable sobre esta materia, arroja otro dato revelador: los gastos relacionados con la vivienda tienen cada vez más peso en el presupuesto familiar. Y es que las familias, ahogadas por la crisis y en muchos casos por el paro, prefieren apretarse el cinturón y reducir todos sus dispendios, incluso los esenciales, con tal de no dejar de pagar la letra. Actualmente, la vivienda representa el 29,4% del presupuesto familiar. La hipoteca o el alquiler es la primera obsesión de las familias y, frente a lo que se piensa, estas siguen cumpliendo con los plazos. La tasa de morosidad hipotecaria de las familias es tan solo del 2,5% frente al 5,5% del conjunto de préstamos o el 11% que tienen las promotoras, según los datos que hizo públicos ayer el Banco de España.

El hecho de que la inversión en vivienda fue la que más se incrementó el año pasado, con un crecimiento del 4,8%, es otro de los datos que confirman la tendencia de que la gente se ha vuelto más hogareña, puesto que en este epígrafe se incluyen los gastos corrientes como luz, agua y calefacción.

Salvo las bebidas alcohólicas y el tabaco (por la subida de impuestos) y levemente en las comunicaciones (por la expansión de Internet) en el resto, los hogares redujeron su consumo. La mayor disminución se produjo en transportes (-14,9%), seguido de prendas de vestir y calzado (-8,3%), mobiliario (-6%), hoteles, cafés y restaurantes (-4,8%) y ocio y espectáculos (-4,4%). Incluso en los gastos esenciales como alimentación (-4%), salud (-3,2%) y enseñanza se ha reducido el gasto.

No hay duda. El que la crisis afecta, y mucho, a los patrones de consumo se ve claramente en la fotografía que traza el informe de CP Proximity -vinculado al grupo publicitario BBDO-, que identifica cuatro perfiles de consumidor ante la crisis. Todos marcan su comportamiento por la situación actual. Los llamados “conformistas” (un 28% de los encuestados), aquellos que no se ha visto especialmente tocados por la recesión, por lo que no renuncian a pequeños placeres o a las vacaciones, se han vuelto más precavidos en su consumo. Los que el informe ha bautizado como “*snoobs*” (un 22%) también ahorran pero ven la situación actual como algo coyuntural y se preocupan por mantener las apariencias. Los “pasotas” (28%) son aquellos que no quieren renunciar a su estilo de vida más social y que, aunque creen que la situación es mala, opinan que ellos sí saldrán adelante. Se dedican a aplazar los gastos grandes en lugar de ahorrar día a día. Y por último las “víctimas” (el 21%), aquellos que están teniendo problemas graves y que ahorran en cualquier área.

La situación lleva a muchos no solo a no incurrir en gastos nuevos. También a revisar aquellos que se pensaban imprescindibles. Rubén Sánchez, de Facua, cuenta que se está incrementando el número de consumidores que se dan de baja de ciertos servicios o que buscan otros proveedores a un precio más competitivo. Esto, dice, ha provocado que aumenten las reclamaciones por baja. Y otra tendencia: las reclamaciones de pequeña cuantía, esos cinco o diez euros cobrados de más que antes se dejaban pasar por no pasar el trámite de reclamar, ahora no se perdonan. “Los consumidores se han vuelto más críticos, menos pasivos”, dice Sánchez.

¿Arraigarán las nuevas costumbres? Los expertos apuntan a que aún es pronto para decirlo. El consumo está mal, pero puede ir a peor. Las últimas cifras macroeconómicas apuntan a este empeoramiento. En el tercer trimestre el consumo bajó con respecto al trimestre anterior por primera vez en un año. Además, el descenso del 0,9% respecto al trimestre anterior es el mayor de los últimos dos años, cuando el paro comenzó a dispararse con fuerza y las familias reducían gastos al mínimo. “La caída de rentas, bien directas o indirectas, la disminución del gasto

público, la pérdida de empleo, y la sensación de que la economía aún no va a mejorar va a afectar negativamente al consumo al menos hasta el segundo semestre del año que viene. Debe percibirse claramente que la economía mejore para que haya repunte”, asegura Juan Torres, profesor de Análisis Económico de la Universidad de Sevilla.

Puede que las medidas de ajuste del Gobierno hayan servido para calmar a los mercados pero han deprimido el bolsillo de las familias. Ángel Laborda, director de coyuntura de Funcas, reconoce que no se esperaba un golpe tan fuerte después del tímido despertar de la primera mitad del año: “Las familias se anticiparon a la subida del IVA y a la retirada de algunos estímulos, como la ayuda de la compra de coches. Y cuando han desaparecido estos incentivos el frenazo ha sido más fuerte de lo que esperábamos”.

Mientras tanto los consumidores españoles hacen lo que pueden. Ahora, con las navidades tocará soltarse un poco el cinturón. Pero también se buscan trucos para que las cosas salgan más baratas. Ana Díaz, portavoz de Ebay España, sostiene que un 23% de los españoles comprará sus regalos *online* este año. Un sistema que permite a los usuarios comparar precios y adquirir artículos más baratos. Y algo más: “Notamos que los consumidores acuden a una tienda a ver el producto que les interesa y lo buscan por Internet para ver donde lo está más barato”, dice Díaz. ¿Para qué se va a pagar más pudiendo ahorrar un poco? La crisis aguza la vista de los consumidores.

TEXTO 3B □ MUDANÇAS DE COSTUMES DOS CONSUMIDORES ESPANHÓIS

22/11/2010 -

Um drinque na sua casa ou na minha?

EL PAÍS

M. R. Sahuquillo e R. Muñoz

<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/elpais/2010/11/22/um-drinque-na-sua-casa-ou-na-minha.jhtm>

Os espanhóis moderam suas saídas: aperitivos em vez de refeições; reuniões em casa em vez de discotecas – o “gourmet” entre no lar.

O efeito marmitta está desbancando os restaurantes populares na Espanha. Aumentam as reuniões sociais nas casas, a festa à europeia; e está cada vez mais na moda tomar uma bebida ou aperitivo em vez de ir

comer num restaurante. O que no começo da crise era visto como algo temporário ou até anedótico, deu lugar a uma mudança de costumes entre os consumidores espanhóis. A recessão se nota no lazer e na cesta de compras. Cada vez se gasta menos e se pensa muito mais para gastar. Os espanhóis, amantes da vida nas ruas e de frequentar bares, restaurantes e discotecas, não deixaram radicalmente de fazer isso, mas ajustaram seus gastos. Agora tomam um copo em vez de vários e o bom presunto é comido em casa.

As famílias estão angustiadas com a crise e transferem esse sentimento aos gastos. O consumo caiu pela primeira vez em um ano. Em 2009, o gasto médio dos lares caiu 4,8% e, o que é mais preocupante, as famílias economizam em todos os gastos, exceto nos da casa, oprimidos pelo pagamento do aluguel ou da hipoteca. Gastos dificilmente reduzíveis.

Os números não enganam. O padrão de consumo está mudando. Só 39% dos espanhóis saem tanto quanto antes da crise. Mas buscam pequenas soluções: 20% aumentaram seu consumo de produtos gourmet em casa e 9% utilizam mais o cartão de crédito para manter seu estilo de vida, segundo o estudo “As quatro faces da crise” da agência CP Proximity apresentado ontem e elaborado com mais de mil longas entrevistas com consumidores espanhóis.

Este não é o único informe que aponta estas tendências, que se observam há mais ou menos três anos, mas que se tornam mais fortes a cada mês e parecem que se arraigaram. Outra investigação recente da consultoria PricewaterhouseCoopers (PwC) mostra que os espanhóis, um pouco obrigado pela situação, descobriram as vantagens do lazer caseiro. Cerca de 60% apertaram os cintos e optaram por reduzir seus gastos em diversão na rua. Além disso, se saem para almoçar ou jantar, escolhem um restaurante mais barato.

“As pizzarias, hamburguerias, definitivamente, os redes de restaurantes viram seus negócios aumentarem. As visitas a outros restaurantes, mais caros e seletos caíram”, analisa Víctor J. Martín, professor de Política Econômica da Universidade Complutense de Madrid, e um dos investigadores do macroestudo de Mercasa (a empresa pública dos mercados atacadistas), recém-publicado.

Segundo esta investigação, a crise reduziu o consumo em restaurantes mas aumentou o de aperitivos nos bares. Embora as bebidas e aperitivos custem 5,5% mais do que no ano passado, seu consumo aumentou mais de 5%. E outra mudança, as saídas ficam mais longas: o último copo é consumido no mesmo restaurante em vez de ir tomar vários em outro lugar.

O estudo de Mercasa revela que os espanhóis gastam em comidas e bebidas fora de casa apenas um euro para cada três euros que gastam em casa. E esta mudança não é só porque as reuniões caseiras estão entrando na moda. “Aumentou o efeito marmita. Muitas pessoas que trabalham fora de casa e antes saíam para almoçar agora levam marmita. Os restaurantes que servem almoço viram como seu movimento está diminuindo”, aponta Martín. “Os cidadãos moderam seus gastos não só porque se vêem afetados pela crise. Mas também por precaução, e isso se percebe. As saídas são praticamente as mesmas, nem todo mundo se sacrifica e fica em casa, mas quase todos estão reajustando seus gastos”, acrescenta o professor de Política Econômica.

A necessidade de apertar os cintos não só transformou o lazer. Também alterou a cesta de compras. “São cada vez mais consumidores que olham o preço dos produtos que antes compravam por costume. Agora estão conscientes das diferenças de preços”, analisa Ruben Sánchez, da Facua Consumidores em Acción. E isso se nota, por exemplo, no auge das marcas genéricas. Cerca de 77% dos laes afirmam que o peso da marca de distribuição em sua compra habitual é “considerável” ou “muito grande”. Outros 44% notaram que o peso das marcas genéricas aumentou muito em sua despensa desde o começo da crise, segundo o estudo Eroski, elaborado com dados de mais de 5 mil famílias.

A mudança tem sido progressiva. Os lares passaram mal no ano passado. O gasto médio em consumo de cada lar espanhol caiu 4,8% para 30.411 euros, segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares que o Instituto Nacional de Estatística (INE) acaba de publicar. Mas mais significativo ainda em relação a esta queda é que os lares consomem menos que há três anos (em 2006, o gasto médio era de 30.562 euros). E não só as famílias. A fatura habitual por pessoa também caiu 3,7% em 2009 para os 11.365 euros.

A pesquisa do INE, a mais confiável sobre o assunto, projeta outro dado revelador: os gastos relacionados com a casa têm cada vez mais peso no orçamento familiar. Acontece que as famílias, asfixiadas pela crise e em muitos casos pelo desemprego, preferem apertar os cintos e reduzir todas as suas despesas, inclusive as essenciais, para não deixar de pagar a casa.

Atualmente, a casa representa 29,4% do orçamento familiar. A hipoteca e o aluguel é a primeira obsessão das famílias e, diante disso, elas continuam cumprindo com seus prazos. A taxa de inadimplência hipotecária das famílias é de apenas 2,5% diante dos 5,5% do conjunto de empréstimos ou dos 11% que têm as promotoras, segundo os dados que o Banco de Espanha divulgou ontem.

O fato de que o investimento no lar foi o que mais aumentou no ano passado, com um crescimento de 4,8%, é outro dos dados que confirmam a tendência de que as pessoas ficaram mais caseiras, uma vez que neste número estão inclusos os gastos correntes como luz, água e calefação.

Exceto pelas bebidas alcoólicas e tabaco (por causa do aumento de impostos) e levemente nas comunicações (por causa da expansão da internet), no resto, os lares reduziram seu consumo. A maior diminuição aconteceu nos transportes (-14,9%), seguido de roupas e calçados (-8,3%), mobiliário (-6%), hotéis, cafés e restaurantes (-4,8%) e lazer e espetáculos (-4,4%). Até os gastos essenciais como alimentação (-4%), saúde (-3,2%) e educação foram reduzidos.

Não há dúvida. O fato de a crise afetar, e muito, os padrões de consumo pode-se ver claramente no quadro traçado pelo informe da CP Proximity – vinculada ao grupo publicitário BBDO -, que identifica quatro perfis de consumidor diante da crise. Todos marcam seu comportamento pela situação atual. Os chamados “conformistas” (28% dos entrevistados), aqueles que não se viram especialmente tocados pela recessão, e não renunciaram os pequenos prazeres ou as férias, ficaram mais precavidos em seu consumo. Os que o informe batizou como “esnobes” (22%) também economizam, mas veem a situação atual como algo conjuntural e se preocupam em manter as aparências. Os “rebeldes” (28%) são aqueles que não querem abrir mão do estilo de vida mais social e que, embora acreditem que a situação está ruim, afirmam que superarão a situação. Eles se dedicam a postergar os gastos grandes em vez de economizar dia a dia. E por último as “vítimas” (21%), aqueles que estão tendo problemas graves e que economizam em todas as áreas.

A situação leva muitos não só a fazer gastos novos. Mas também a revisar aqueles que se acreditava imprescindíveis. Rubén Sánchez, da Facua, conta que está aumentando o número de consumidores que cancelam alguns serviços ou que buscam outros fornecedores a um preço mais competitivo. Isto, diz ele, provocou um aumento dos pedidos de cancelamento. E outra tendência: as reclamações por causa de pequenas quantias, aqueles cinco ou dez euros cobrados a mais que antes se deixava passar para não ter de passar pelo trâmite de reclamar, agora não são perdoados. “Os consumidores ficaram mais críticos, menos passivos”, diz Sánchez.

Os novos costumes ficarão arraigados? Os especialistas dizem que ainda é cedo para dizer. O consumo vai mal, mas pode ficar pior. As últimas estatísticas macroeconômicas apontam esta piora. No terceiro trimestre o consumo caiu em relação ao trimestre anterior pela primeira vez num ano. Além disso, a queda de 0,9% em relação ao trimestre anterior é a

maior dos últimos dois anos, quando o desemprego começou a disparar com força e as famílias reduziram os gastos ao mínimo. “A queda da renda, direta ou indireta, a diminuição do gasto público, a perda de empregos, e a sensação de que a economia ainda não vai melhorar afetará negativamente o consumo pelo menos até o segundo semestre do ano que vem. É preciso perceber claramente que a economia está melhorando para que haja uma recuperação”, afirma Juan Torres, professor de Análise Econômica da Universidade de Sevilla.

Pode ser que as medidas de ajuste do governo tenham servido para acalmar os mercados, mas deprimiram os bolsos das famílias. Ángel Laborda, diretor de conjuntura de Funcas, reconhece que não se esperava um golpe tão forte depois do tímido despertar da primeira metade do ano: “as famílias se anteciparam à subida do IVA e à retirada de alguns estímulos, como a ajuda para a compra de carros. E quando estes incentivos desapareceram, a freada foi mais forte do que imaginávamos.”

Enquanto isso, os consumidores espanhóis fazem o que podem. Agora, com o Natal, terão que abrir um pouco mais o cinto. Mas também procuram truques para que as coisas saiam mais baratas. Ana Díaz, porta-voz da Ebay Espanha, diz que 23% dos espanhóis comprarão seus presentes online este ano. E mais ainda: “Notamos que os consumidores vão a uma loja para ver o produto que lhes interessa e o procuram pela internet para ver onde é mais barato”, diz Díaz. Para que se vai pagar mais quando é possível economizar um pouco? A crise aguça a vista dos consumidores.

Tradução: Eloise De Vylder

Considerações finais

Caro(a) aluno(a),

Neste livro, objetivamos oferecer a você uma introdução, ainda que breve, dos estudos da tradução, abordando aspectos variados concernentes à área e reunindo algumas das mais importantes tendências e contribuições dos estudos tradutórios. Apresentamos a você os principais conceitos e modelos de estudos tradutórios dentro de uma área de pesquisa que vem crescendo e se desenvolvendo rapidamente nas últimas décadas. Nosso foco, neste material de estudo, é a tradução em sua forma escrita e não como interpretação oral, como você bem notou.

Buscamos apresentar uma visão abrangente dos principais pontos da área, selecionamos e organizamos os tópicos de estudo da seguinte maneira, como apresentado na Introdução deste material, em nossa conversa inicial:

- Um primeiro percurso abrangendo alguns conceitos e definições de tradução e a importância de se estudar tradução no curso de Letras;
- Alguns dos caminhos e teorias existentes, com a apresentação do modelo de Holmes, dados históricos e teorias contemporâneas da tradução;
- A teoria funcionalista em tradução e o modelo didático de Christiane Nord;
- As possibilidades da tradução como processo e produto;
- O que foi tendência para os estudos da tradução na década de 90;
- Um breve mapeamento da disciplina e das pesquisas defendidas na Universidade Federal de Santa Catarina junto ao programa de pós-graduação em estudos da tradução; e

- Prática de tradução em suas noções iniciais e que serão desenvolvidas em sua complexidade à medida que você avança no curso.

Em relação à organização deste material, reforçamos a leitura do resumo ao final de cada capítulo de modo a facilitar a ativação de sua memória em relação aos tópicos abordados, incluindo, também, referências adicionais de leitura, bibliografia e links para complementar seu aprendizado e pesquisas na internet. É bom deixar claro que muitos dos livros estão disponíveis ainda apenas em inglês e/ou alemão justamente pela carência de tradutores que os levem para outros idiomas, o que pode ser, também, uma motivação para que você pense em se especializar e poder realizar este trabalho! Portanto, mesmo não sendo muitas vezes uma referência em espanhol, procuramos deixá-la na língua estrangeira para que você saiba qual foi a nossa fonte de consulta. Com esse conteúdo, procuramos mostrar o quanto a área dos Estudos da Tradução é rica e abrangente sendo, portanto, uma disciplina envolvente e fascinante, pois com ela podemos divulgar e aproximar os mais diversos contextos culturais e históricos e divulgar as mais diversas áreas de conhecimento. Esperamos que você não só tenha uma visão mais completa desta área de estudo, ao final do curso, como também tenhamos despertado em você o interesse pela área de pesquisa e atuação profissional.

Que tal realizarmos uma atividade antes de concluir a leitura deste material? Escreva, a seguir, o que é tradução para você neste momento de seus estudos na área de tradução:

Agora, volte ao início do nosso livro e reveja o conceito que você elaborou lá nas primeiras páginas. Fica aqui a nossa reflexão:

Você manteve esse conceito inicial ou mudou de opinião? Por que?



Fica aqui a nossa sugestão: se você não fica sem um cafezinho nem mesmo no verão, experimente tomar um café gelado batido no liquidificador (cappuccino) com sorvete de creme ou simplesmente com leite e alguns cubinhos de gelo para ficar bem espumoso...É um frapuccino delicioso! Até a próxima!

Glossário

Esse glossário tem por objetivo tão somente auxiliá-lo com uma terminologia que é própria da área dos estudos tradutórios. Não há, portanto, a pretensão de servir como um dicionário terminológico.

1. **Abordagem funcionalista** – vê a tradução como um ato de comunicação intercultural. Parte da função comunicativa que certas estruturas linguísticas exercem dentro de um determinado contexto e da análise das estruturas que cooperam para realizar esta função, caracterizando a intenção pragmática (concreta) do usuário da língua. Surge nos anos 70 e tem seu auge nos anos 80-90 e seus principais representantes são: Katharina Reiss, Hans Vermeer e Christiane Nord.
2. **Abordagem sistemática; orientada** – termos que designam o caráter das pesquisas em tradução a partir da década de 50, quando Eugene Nida, utiliza o termo ciência pela primeira vez para se referir aos estudos da tradução.
3. **Abordagem transcultural** – Trabalhos tradutórios que priorizam o papel da cultura, ou seja: não existe língua, nem trabalho tradutório com línguas, sem a influência da cultura a elas atreladas.
4. **Addressee** – termo que designa o receptor ou o público intencionado pelo autor no TF, juntamente com seus conhecimentos culturais, expectativas e necessidades comunicativas específicas. Está presente nas teorias de Hans Vermeer e Christiane Nord.
5. **Análise contrastiva** – diz respeito a pesquisas realizadas da década de 30 a 60-70 cujo objetivo era o estudo de duas línguas em contraste a fim de se identificar diferenças gerais e específicas entre elas.
6. **Anpoll** - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística.

7. **Calque** - ação na qual se traduz ou introduz uma palavra ou expressão em língua estrangeira para vocabulário nativo.
8. **Corpora computadorizados** – textos paralelos (ou seja, um mesmo texto em sua versão original e traduzida) digitalizados com o objetivo de oferecer informações extensivas para trabalhos de caráter descritivos. Os textos são eletronicamente armazenados, o que facilita o estudo de características da linguagem traduzida.
9. **Correspondência** – segundo Catford, a correspondência fundamenta-se na formalidade, isto é, baseia-se no sistema de um par de sistemas linguísticos similares.
10. **DTS** – *descriptive translation studies* – estudos descritivos da tradução e que abordam a tradução como fenômeno.
11. **Equivalência** – termo que designa relações entre o TF e o TT do ponto de vista lexical, sintático, de conteúdo, semântico, do leitor, do autor, dependendo da afiliação teórica do pesquisador. Segundo Catford, as relações de equivalência estão sempre amarradas a um par de TF e TT específicos.
12. **Estrangeirização e domesticação** – termos cunhados por Venuti para definir a sua visão dos métodos de tradução: a estrangeirização mantém uma aproximação maior com o TF e não se preocupa com a literalidade formal, enquanto a domesticação procura “domar” o TF, fazendo com que seja lido como se tivesse sido originalmente produzido na língua do leitor. Esses métodos lembram aqueles propostos por Schleiermacher: levar o leitor para o autor e levar o autor até o leitor, respectivamente.
13. **Fidelidade** - pode ser abordada de maneiras diferentes dependendo da afiliação teórica de cada pesquisador; portanto, esse conceito pode estar ligado à reprodução das ideias fiéis do autor; do conteúdo ou estilo do TF; pode ainda estar voltada ao leitor ou à cultura de chegada. Normalmente, fidelidade envolve debates sobre questões lexicais, sintáticas, culturais e estilísticas.

14. **Função** – na linguística tem a ver com uma perspectiva sócio-cultural da língua, designando a relação entre uma forma e outra (função interna), entre a forma e o significado (função semântica) ou entre o sistema de forma e o contexto (função externa).
15. **Hermenêutica** - interpretação do sentido das palavras, tomando-se o texto como uma unidade de sentido, método originário dos textos sagrados.
16. **Intercultural** – termo que trata das relações estabelecidas entre culturas diversas por meio da tradução.
17. **Interface** – resulta da possibilidade de estabelecer ligações entre a área dos estudos da tradução com outras áreas de pesquisa - Essas mudanças dizem respeito a métodos de pesquisa e conteúdos que começam a mesclar abordagens linguísticas, literárias e culturais. As pesquisas adquirem um caráter empírico, o que altera o perfil da disciplina com investigações sobre a estrutura do processo de tradução.
18. **Invisibilidade** – termo proposto por Lawrence Venutti para se referir a atitude de alguns tradutores que desejam “desaparecer” atrás de uma tradução fluente, da produção de um TT totalmente legível na língua alvo, domesticado, como se tivesse sido escrito, originalmente, na língua alvo, criando, assim, a ‘ilusão da transparência.’
19. **Linguística de *corpus*** – é uma área interdisciplinar que vem tendo um grande desenvolvimento desde a década de oitenta, na Europa e, mais recentemente, nos Estados Unidos. Suas aplicações se fazem sentir tanto na área da Lexicografia, quanto nos estudos sistemáticos do uso da língua, em trabalhos de tradução, Linguística Aplicada e em Processamento de Linguagem Natural. A interdisciplinaridade constitutiva dessa área de estudos tem possibilitado a troca de experiências e uma real colaboração entre profissionais de diferentes áreas do conhecimento.

20. **Metodologia interdisciplinar** – desloca as pesquisas em tradução para campos afins na área da comunicação, como é o caso do jornalismo ou para áreas mais distantes, porém instigantes como as traduções nas áreas técnica e científica.
21. **Modelo teórico causal** - pesquisa as atitudes do tradutor numa determinada fase da tradução, as causas de suas decisões contrapostas às instruções recebidas do cliente, do propósito da tradução, as suas próprias influências sócio culturais no texto; o que essas decisões podem causar para o e, quais os seus efeitos nos leitores, no próprio tradutor e no ambiente sócio cultural.
22. **Modelo teórico comparativo** - estático e orientado ao produto, além de ser centrado em algum tipo de relação de equivalência.
23. **Modelo teórico processual** – estuda a tradução enquanto um processo e introduz dimensões de tempo sendo, portanto, um modelo dinâmico em relação ao modelo comparativo.
24. **PGET** - Pós-Graduação em Estudos da Tradução (UFSC).
25. **Pós-colonialismo** – termo que trata de possíveis consequências ideológicas da tradução e do seu papel ativo no processo da colonização e na disseminação de uma imagem, ideologicamente motivada, de povos colonizados especialmente na cultura ocidental. Essa imagem é aceita como a única real e verdadeira e funciona como a imposição de valores ideológicos do colonizador.
26. **Prática derivacionista** – termo que caracterizava a prática da tradução até os anos 50, quando ainda estava conectada, ou seja, derivava, primeiramente, do ensino e aprendizado de línguas estrangeiras.
27. **Prática tradutória** – ato concreto, realização, da tradução; ato tradutório; atividade tradutória.

28. **Protocolos verbais** – registros, em gravação, dos procedimentos que o tradutor utiliza durante a tradução.
29. **Shift** - Translação, movimento, transferência.
30. **Signo, significante, significado** – relações estabelecidas por Saussure e que fomentam discussões acerca de (im)possibilidades de equivalência textual, como no caso da equivalência interlingual, em que um signo corresponde exatamente ao outro em termos de significação.
31. **Skopos** – palavra grega que define o “propósito ou a função” da tradução, tal como teorizado pelo alemão Hans Vermeer em 70; origina a Skopostheory.
32. **Targumin** - traduções para o aramaico dos Escritos Sagrados e do Cânone Judaico.
33. **Teorias da tradução** – estabelecem princípios gerais para prever e explicar o fenômeno da tradução.
34. **Teorias descritivas** – descrevem a tradução como fenômeno.
35. **Teorias pós-colonialistas** – estudam a questão do aspecto colonizador que, segundo alguns teóricos, a tradução pode exercer.
36. **Tipologia textual** – termo cunhado por Katharina Reiss, na década de 70 e que unia algumas funções e dimensões da linguagem; situações comunicativas.
37. **Tradução** – ato comunicativo intercultural realizado entre comunidades que possuem línguas, culturas e vivências diferenciadas.
38. **Tradução como processo** – diz respeito a um mapeamento cognitivo dos procedimentos que envolvem a prática tradutória através de registros (protocolos verbais) gravados pelo próprio tradutor durante o processo efetivo da tradução.
39. **Tradução como produto** – o texto traduzido existe de forma independente do texto original. O estudo do TT, priorizado

em relação ao seu original, permite o levantamento de problemas existentes e estratégias utilizados pelo tradutor para solução dos mesmos.

40. **Tradução interlingual** – ocorre entre comunidades com sistemas linguísticos e culturais distintos.
41. **Tradução intersemiótica** – ocorre através da interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas de signos não-verbais; por exemplo, quando um texto escrito é traduzido para o layout de uma música, filme ou pintura.
42. **Tradução intralingual** – ocorre entre comunidades que fazem uso do mesmo sistema linguístico e que podem ou não compartilhar de um mesmo sistema cultural.
43. **Tradução literal** – ocorre ao nível da ‘palavra por palavra’. Termos similares são: ‘forma pela forma’; tradução fiel à letra.
44. **Tradução livre** – ocorre ao nível do ‘sentido pelo sentido’, ou seja, fidelidade ao conteúdo do TF e não ao sistema linguístico. Também designada por *inventio*, isto é, fidelidade aos valores artísticos do texto, a ideia do texto original. É posteriormente chamada de tradução semântica por Peter Newmark.
45. **Transnacional** - vivência pós-colonial de imigrantes e, de forma mais ampla, a ‘desruptura local’ que descreve a situação daqueles que permanecem de lado, praticamente desintegrados, de suas forças ‘nativas’.
46. **Transnacionalização** – seus sinônimos são: mundialização, globalização, processo que leva à ocidentalização do mundo.

Referências bibliográficas

ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Atica, 2007.

AZENHA, Jr., João. **Tradução Técnica e Condicionantes Culturais: Primeiros Passos para um Estudo Integrado**. Humanitas, FFLCH/USP, 1999.

BAKER, Mona. **Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução?** In: MARTINS, Márcia A.P. Tradução e Multidisciplinariedade. Editora Lucerna, Puc-Rio – Departamento de Letras, 1999.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução: Uma nova proposta**. Pontes, São Paulo, 2004.

CAMPOS, Geir. **O que é Tradução**. São Paulo, Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos.

CHESTERMAN, Andrew & WILLIAMS, Jenny. **The Map: a beginner's guide to doing research in Translation Studies**. St. Jerome Publishing. Cornwall, UK, 2002.

DELISLE, Jean e WOODSWORTH, Judith. **Os Tradutores na História**. São Paulo: Ática, 1998. Tradução de Sérgio Bath.

FROTA, Maria Paula. **Por Uma Redefinição de Subjetividade nos Estudos da Tradução**. In: Martins, Márcia A. P. (org) Tradução e Multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

GENTZLER, Edwin. **Contemporary Translation Theories**. Routledge, London, 1993.

GUERINI, Andréia & FURLAN, Mauri. **História da Tradução**. Apostila elaborada para o primeiro ano do curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

HATIM, Basil & MUNDAY, Jeremy. **Translation: An Advanced Resource Book**. Routledge Applied Linguistics, NY, 2004.

SNELL-HORBY, Mary. **Eine integrierte Übersetzungstheorie für die Praxis des Übersetzens**. (p. 15-51) In: Königs, Frank G. (Org.): Übersetzungswissenschaft und Fremdspachenunterricht: Neue Beiträge zu einem alten Thema. Instituto Goethe München. 1989, München, Alemanha.

_____. (Hrsg./Org.). **Übersetzungswissenschaft: Eine Neuorientierung**. 2ªed. Francke Verlag, Tübingen u. Basel, 1994.

MARK, Shuttleworth; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. St Jerome Publishing, 1997.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: theories and application.**

NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática Funcional.** Martins Fontes, São Paulo, SP, 2004. Coleção: Texto e Linguagem.

NORD, Christiane. **Comunicarse Funcionalmente En Dos Lenguas.** In: Léxico especializado y comunicación interlingüística. Edited by FABER, Pamela; JIMÉNEZ, Catalina & WORJAK, BERD. Stica, Granada: Granada Lingüística, 285-296, 2004.

_____. **Defining Translation Functions: The Translator Brief as a guideline for the trainee translator.** In: Ilha do Desterro: Translation Studies in Germany. Edited by LÖRSCHER Wolfgang, Editora da UFSC, 39-53, 1997 (b).

_____. **Functionalist Approaches Explained.** St Jerome Publishing, Manchester, UK. 1997(a)

_____. **Text Analysis in Translation.** Amsterdam, Atlanta, GA, 1991, Rodopi. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow.

_____. **Text Function(s) in Bible Translation?** In: ATA Chronicle vol. XXXIII, 2003, 34-38.

PAGANO, A et. al. 2001. **Estudos da Tradução no Brasil / Translation Studies in Brazil.** Belo Horizonte: FALE/UFMG. (CD-ROM)

PAGANO, A et. al. **Competência em Tradução: Cognição e Discurso.** Humanitas, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005

REISS, Katherina & VERMEER, Hans. **Fundamentos para uma teoria funcional de la traducción.** Ediciones Akal, 1996.

SNELL-HORNBY, Mary. **The turns of Translation Studies. New paradigms or shifting viewpoints?** University of Viena, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company, 2006.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Sobre os diferentes métodos de tradução.** Tradução de Margarete von Mühlen Poll. Antologia Bilíngüe: Clássicos da Teoria da Tradução. Florianópolis: NUT/UFSC, 2001. Volume I, pp. 26-89.

SILVEIRA, Brenno. **A Arte de traduzir.** São Paulo, Melhoramentos. Ed. UNESP. 2004.

SOBRAL, Adail. **Dizer o mesmo aos outros: ensaios sobre tradução.** São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

VENUTI, Lawrence (2002). **Escândalos da Tradução.** Bauru: Edusc. Trad. de Laureano Pelegrin et alii.

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis**. Uma crônica da tradução no Brasil. Rocco, Rio de Janeiro, 2003

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato a reportagem**: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural. Tese apresentada ao Depto. de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Sites consultados:

A consulta a sites da internet é sempre algo bem instável, pois frequentemente os endereços são alterados ou deletados. No caso dos links relacionados abaixo, todos foram consultados em Maio de 2011 e permanecem ativos. No entanto, caso você encontre alguma dificuldade em acessar as informações através dos links, sugerimos que você pesquise a partir dos títulos negritados no Google.

FURLAN, Mauri. **A teoria de tradução de Lutero**. 2004. In: Annete Endruschat & Axel Schönberger (orgs.). Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea. (p. 11-21). Disponível em: http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores/MauriFurlan/Mauri_Furlan_-_A_Teoria_de_Traducao_de_Lutero.doc. Acessado pela última vez em Maio/2011.

_____. **Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente - II. A Idade Média**. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/435> Acessado pela última vez em Maio/2011.

_____. **Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente - III. Final da Idade Média e o Renascimento**. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/436> Acessado pela última vez em Maio/2011.

LANZETTI, Rafael. **Quadro Histórico das Teorias de Tradução**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-14.html>. Acessado pela última vez em Maio/2011.

LOGUS Multilingual Portal. Este site traz um curso interativo de introdução à tradução. Do seu original, em italiano, foi traduzido para diversas línguas, incluindo espanhol e que está disponível no link: http://courses.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.traduazione_es?lang=es Último Acessado pela última vez em Maio/2011.

LOPES, Lina Gameiro. **A tradução de textos – dificuldades e problemas**. Confluências: Revista de tradução científica e técnica, n. 02, p. 109-

111, Maio, 2005. Disponível em: <http://www.confluencias.net/n2/lopes.pdf> Acessado pela última vez em Maio/2011.

OTTONI, Paulo. **O papel da lingüística e a relação teoria e prática no ensino da tradução.** Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/citrat/publica/trad/trad41.htm>

Acessado pela última vez em Maio/2011.

PAGANO, Adriana & VASCONCELLOS, Maria Lúcia. **“Formando” Futuros Pesquisadores: Palavras-chave e afiliações teóricas no campo disciplinar Estudos da tradução.** Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/440>. Acessado pela última vez em Maio/2011.

PAGANO, Adriana & VASCONCELLOS, Maria Lúcia. **Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300003. Acessado pela última vez em Maio/2011.

PGET – Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/>. Acessado pela última vez em Maio/2011.

TAVARES, Fred. **Marca, Signo e Mito.** Disponível em: http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Marca_Signo_e_Mito.htm Acessado pela última vez em Maio/2011.

The history of Translation Day. Este site traz a história sobre o dia internacional da tradução e os temas que “o dia” vem considerando desde então. Disponível em: http://translators.org.za/sati/cms/downloads/dynamic/international_translation_day_english.pdf?PHPSESSID=2f91ea1f0eb84673306c6be9a02534cd. Acessado pela última vez em Maio/2011.

WIKIPEDIA. **Tradución.** Disponível em: <http://gl.wikipedia.org/wiki/Traduci%C3%B3n>. Acessado pela última vez em Maio/2011.